

NEBULOSAS

POESIAS

DE

NARCIZA AMALIA

NATURAL DE S. JOAO DA BARRA

PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO

69, Rua do Ouvidor, 69

Vesper

Vesper, fulge-te o esplendor piquet;
Brencoa-te o manto no procello,
Tens um Tirano ideal no azul do espanto...
E eu te lamento, desgraçada estella!

— Que sabes tu de Deos? das creaturas
que sabes tu? Que laco a ti nos ligas?
Tukasurris, as "Thoras", nos attum,
levam-te, levam-te, infeliz amiga!

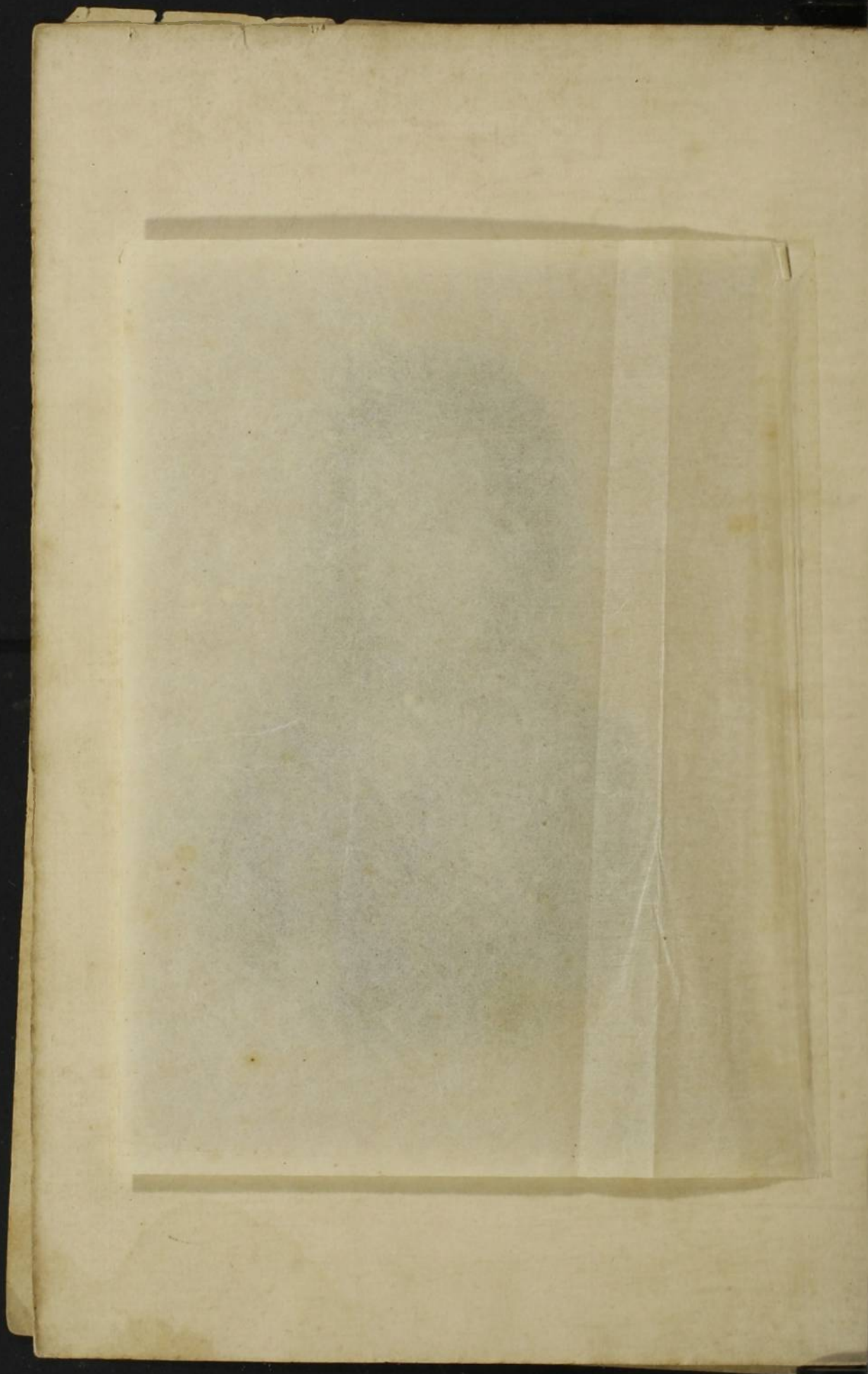
Esta singella e tímida bonina,
esta bonina que floris um dia,
sobe a selva exultante do Campina,

viveu e amou! — E tu? Lucida e fria,
vass, paria da semead divina,
enquanto o Amor de cada olhos te espia!

Francisco Maria

2-11-88

30.00



PREFACIO

I

Jura dicturi estis.

T. L.

Dictareis a lei.

É uma lição digna de se imitar, embora perdida no vasto recinto da ignorancia, a publicação de um livro.

Um dos nossos folhetinistas já liquidou a causa do marasmo litterario, qualificando de indiferença esse torpor que envelhece uma nova sociedade. — *Artes e Lettras — Reforma de 1870.*

Denuncia essa peste o nosso primeiro escriptor, J. de Alencar.

Somos de hontem, ainda não temos a nossa historia antiga, e vivemos sob o imperio do desanimo.

Quando em uma nação, as artes, as letras, as sciencias cumprem o inglorio destino da planta que nasce, vive e morre dos abysmos de um subterraneo, ou o do mendigo na festa do opulento, e representam o papel humilde de uma nave arruinada, de um campanario sumido nas heras, entre os sumptuosos palacios da cidade vaidosa, essa nação tem



PREFACIO

1

Este livro é dedicado

à memória de

o autor, que morreu em 1910, e ao seu

publicado de um livro.

Este livro já chegou a causa de ma-

lha de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

livro de um livro de um livro de um

chegado ao seu ultimo gráo de decadencia. N'essa hora triumpham os analphabetos, os mercadores de escandalos, os demolidores de tudo quanto é nobre e principalmente do que constitue o orgulho de um paiz — a sua gloria litteraria.

Profundando o coração do povo, Addisson, Balzac, La Bruyère, Larochevoucauld e outros quizeram explicar a ingratição do publico, esse equivoco soberano de todas as idades, o qual, nem Buffon, nem os modernos naturalistas e escriptores politicos classificaram e definiram.

O publico de hoje, como o de todos os tempos, sevan-
dija a virtude e ajoelha ao vicio; proscreve o crime e dei-
fica a probidade.

O publico! é uma torre de ventos.

— Vemos os bons descahidos
E os mãos mui levantados,
Virtuosos desvalidos,
Os sem virtudes cabidos
Por meios falsificados.

— Vemos honrar lisongeiros
E folgar com murmurar,
E caber mexeriqueiros,
Os mentirosos medrar
Desmedrar os verdadeiros.

GARCIA DE RESENDE.

Assim foi, começou com o mundo, não o podemos re-
formar.

II

O desenvolvimento intellectual da humanidade, os periodos de harmonia entre as raças e as descobertas do espirito humano, todos esses authenticos monumentos das victimas pacificas do talento, fallam e attestam a influencia da litteratura sobre a forma poetica e politica.

Quer se investigue a phenomenologia da consciencia, quer os actos da intelligencia, quer as fórmas abstractas e subjectivas do pensamento nas suas periodicas revoluções do mundo ontologico, acharemos a poesia exercendo a sua legitima influencia.

Percorrendo-se a idade de opposição, de variedade; analysando-se as epochas da formação dos caracteres escriptos, da linguagem e a nova união de cousas, da moral social, da felicidade domestica, da harmonia com as sciencias, com as artes, com a religião, nós reconhecemos que a poesia tem uma acção efficaç, reflectida, que preside a todo o constitutivo organico das epochas e do povo, noção esta que nos está ensinando a philosophia da historia e o Direito Natural.

Confessemos : — Um livro de versos é uma lição. Ariosto, Dante, Tasso, Cervantes, Lope de Vega, Martinez, Racine, Béranger e Hugo, Optitz, Wesland, Gøethe, Pope, Dryden, Shakespeare, Byron, Camões, Ferreira, Bocage, Basilio da Gama, Gregorio de Mattos, Magalhães, formam o concilio ecumenico da poesia, d'onde vieram até nós, não os dogmas, não as contradicções e ultrages á razão, mas os aphorismos que constituem o codigo da humanidade.

O livro de versos tem sido lição aos reis ; a palavra de ordem dos povos civilizados, orbita ao redor da qual o mundo gyra.

A poesia póde dizer :

— Eu illumino a historia !

— O que ella occulta, eu denuncio !

— Eu levanto do tumulo os heroes ; vingo os martyres ;
puno os traidores.

— Eu sou a gloria — *o sol dos mortos !*

Que o diga a eternidade, e que conteste
O tempo, a terra, a humanidade inteira.

A minha rival, a arte, poderia dizer :

— Sou uma cidadã dos seculos futuros !

— Eu a antecedi ; eu a hei de exceder.

— Fui o genio de todos os cultos, de todas as seitas.

— Servi ao odio, á inveja ; servi mais á caridade, ao entusiasmo, ao direito, á verdade, á justiça.

A China.

« O murado redil, a terra inpervia,
Retrahida dos povos pelo orgulho
Do bonzo mercenario, avesso á cruz, »

foi o meu feudo.

— « Asia ! que encerras da natura os dotes
E do mundo moral a — « prisca origem,
Desde a plaga da luz, mãe da palmeira,
Té a noite polar, que alenta o pinho,
Sôe o teu nome para gloria eterna. » —
Em teu seio vivi, deixei-te oppressa,
Punida no castigo de teus sonhos.

III

Presentemente a poesia que ideia social aduz ou combate?
Que lei moral ataca ou defende?

Vivemos, como outros povos, de uma poesia emerita?

Ha ganhadores, assalariados, mercenarios venaes como
esses que se alugam á politica, imbecis que fingem ignorar
que sempre se depende da mão que paga?

Não sabem que o seu apostolado é um charlatanismo
criminoso, um roubo organizado que exercem contra a di-
gnidade dos escriptores honestos, dos litteratos, dos homens
de letras, unicos sacrificados n'este paiz?!

Pregando a vilania dos sentimentos, negam aos outros
o que não possuem, embora se lhes grite:

— O que se aluga VENDE-SE !

IV

Creio nos esforços da litteratura contemporanea.

Cada povo tem faculdades primitivas e necessidades particulares. As ideias arraigadas nos habitos d'esse povo, não cedem seu imperio, senão depois de combates porfiados e lutas sanguinolentas. É por isso que ante as conveniencias da politica e as necessidades da industria a poesia não se justifica.

Eu sei que a rotina, economicamente fallando, tem a sua justificação ; portanto amnistiemos desta batalha a Industria e digamos porque é opposta á politica.

Tem o seu fundamento historico sem ter o racional, a demonstração.

A politica tem sido e continuará a ser, em muitos casos, e em muitos paizes, a arte e a sciencia dos nullos e perversos.

Luiz XI, apesar dos seus officiosos biographos, é um cynico ; Voltaire, Montaigne e Montesquieu, por orgulho politico, quizeram explicar os dogmas e os segredos das instituições. Tudo confundiram. Talleyrand foi mais celebre

pela hypocrisia que pelo seu genio. Elle, outros, e muitos, e n'esse numero alguns dos nossos pretensos estadistas que fazem praça de muito sagazes, são desdenhados. Voltaire-politico, é um intrigante inepto; mas o poeta da solidão de Fernay, era um castigo dos despotas.

Rousseau é admirado unicamente n'aquellas obras em que o philosopho ou o politico é vencido pelo poeta.

Entremos ou penetremos a nossa lareira.

Atados á galé da politica, vemos Pedro Luiz e Bitten-court Sampaio, naufragos, mar em fóra, ludibriados pelas mesmas ondas que d'ali os arrancaram.

Como a imagem da — Esperança — nas lendas pagãs, José de Alencar tem um braço no céu e outro na terra.

Teimam e insistem, lutam e sustentam um dia artificial em plena escuridão, Joaquim Serra, Celso Magalhães, Salvador, Menezes, C. Ferreira e F. Tavora.

Agora vem Narcisa Amalia.

Contra estes vejo uns fabricantes de automatos, arrêados de lodo, cheios de ignorancia, que nos detestam e nos perseguem.

Sim; eu creio nos esforços da litteratura, nos resultados efficazes da poesia.

O lyrismo que tem sido a feição predominante da infancia de todos os povos, não baptizou o nosso berço de nação livre, mas nos acompanhou nos jubilosos dias da conquista da nossa autonomia nacional.

A poesia lyrica brasileira teve entre nós bons, e poucos representantes. Occupou o primeiro logar Gonçalves Dias,

o poeta cosmopolita; é seu continuador, com muita inferioridade, Teixeira e Souza, a quem devemos muito como romancista; pouco, como poeta lyrico.

Já levantou uma estatua a Gonçalves Dias a sua provincia natal; deve, a do Rio Grande ao cantor do Colombo, e a do Rio de Janeiro, ao cantor dos Tamoyos.

Se ainda este povo fôr susceptivel de raciocinio, tenho fé que o José Bazilio merecerá qualquer memoria de pedra ou um poema de bronze.

O assumpto do poeta no Poema — *Uruguay* — é a guerra que a Hespanha e Portugal tiveram de sustentar contra os Indios de Missões, porque, por um tratado celebrado a 16 de Janeiro de 1750 entre as duas nações, ficavam pertencendo a Portugal as terras que os Jesuitas possuiam na parte oriental do Uruguay. Estes incitam os Indios a resistir. Hespanha e Portugal mandam suas tropas combatel-os; Gomes Freire de Andrade commanda o exercito portuguez.

Outros trabalhos de José Bazilio, que ainda valem hoje premios que elle não teve, o recommendam á gratidão nacional, porque elle nos traçou a figura do jesuita d'aquella e d'esta epocha, e ferio o despotismo até donde a sua imaginação lhe offereceu armas.

Teixeira e Souza, já por mim quasi esquecido neste momento; todo esquecido da patria que o deixou por muito tempo mendigar, ensaiou a epica no seu poema *A Independencia do Brazil*. Magalhães é o epico dramatico, o formador ou creador da nossa litteratura.

Não venham, amanhã, os alcaides das lettras perguntar-

me se Joaquim Manoel de Macedo, Alencar e outros não são litteratos, não fazem litteratura. Ha tanta ignorancia, que nem por estar pesado e medido pelo Dr. Moreira de Azevedo o nosso periodo litterario, tenho visto inverter-se o que os meninos já decoraram nas aulas.

Magalhães creou a litteratura ; Porto Alegre a desenvolveu, Macedo a propagou, Alencar corrigio-os fazendo a critica e formando a mais completa litteratura, dando os ultimos toques nas grandes télas d'aquelles mestres e apagando os borrões.

Fallava dos poetas lyricos.

Mais energico nas imagens e muitas vezes de mais elevação, foi Casimiro d'Abreu.

Alvares de Azevedo foi o cantor da morte ; foi um genio.

Bernardo Guimarães, bucolico, elegiaco, lyrico, decidiu-se por uma fórma, uma escola mais preferida entre todos os litteratos.

A poesia epica tem tido poucos representantes. Conheço alguns ensaios, e boa promessa considero o *Riachuelo* de S. Pereira, outro de Zepherino, e alguns fragmentos, os quaes não são a Epopea da Guerra.

A poesia dramatica tem poucos cultivadores. O creador do theatro moderno queimou as *Azas de um anjo* ; Pinheiro Guimarães discute sobre eleições, e prelecciona na cadeira de medicina ; Varejão não é mais o Achilles ; Machado d'Assis cazou-se ; França Junior é um cofre ; Joaquim Serra não foi mais a Roma ; Sizenando Nabuco está envolto na sua tunica ; Joaquim Pires não faz

mais Demonios; Menezes adormeceu á sombra da mancenilha; Salvador espera outro — Bobo —, e José Tito faz *Charadas Politicas*.

— Como as vozes do mar n'um canto d'Ossian
Poucas vezes os ouço — passam longe.

Não precisamos de imaginações sonhadoras e mysticas como os poetas do Oriente para enriquecer o theatro; ha assumptos na nossa historia para os dramas maritimos, militares, politicos.

Porque é que a idade média tem um character de originalidade, cuja lembrança exalta ainda hoje, depois de tantos seculos, a imaginação dos romancistas e dos poetas? É porque os trovadores vulgarisaram a historia dos amores, das victorias politicas, dos combates guerreiros, os sentimentos de patriotismo.

Eu ainda ignoro para que fim destina o Sr. ministro o seu Conservatorio.

Erige-te !

Narcisa Amalia será a impulsora e o ornamento de uma época litteraria mais auspiciosa que a presente. Hade redigir os aphorismos poeticos, como Aristoteles escreveu os da natureza.

Na historia da nossa litteratura, o seu enthusiasmo moral, que é um culto do seu talento, terá uma consagração nos annaes do futuro desta legião de intelligencias que está celebrando as glorias do presente.

Não a conheço, mas eu imagino que em seu rosto a tristeza occupa o lugar da alegria.

— « A funda melancolia
 Não seguiu-a desde a infancia,
 Deus não fel-a triste assim...
 Houve na sorte inconstancia,
 E se perdeu a alegria,
 É de homens obra ruim. » —

.

A extremosa pureza dos seus pensamentos, o pudor da sua imaginação, bem inculcam que os seus paes lhe anticiparam um thesouro no abençoado curso da sua educação, no santo respeito da familia e amor da patria.

Eu penso que o écho das suas palavras é um concerto de pezares. Ella aborrece a canalha subalterna das lettras, porque ha uma canalha illustre que é mais fidalga que a nobreza de decreto ; essa, ella estima e applaude.

Narcisa Amalia não é um typo ; é uma heroína.

Senio acaba de pedir que não elogiem os seus livros de prosa.

Eu peço que julguem o livro de N. Amalia, livro que illumina a grande noite da poesia bra zileira.

Quando houver um Conselho d'Estado ou um Senado Litterario, Narciza Amalia terá as honras de Princeza das lettras.

Este livro ha de produzir tristezas e alegrias. É a primeira brasileira dos nossos dias; a mais illustrada que nós conhecemos; é a primeira poetisa desta nação.

Delphina da Cunha, Floresta Brasileira, Ermelinda da Cunha Mattos, Maria de Carvalho, Beatriz Brandão, Maria Silvana, Violante, são bonitos talentos. Narcisa Amalia é um talento feio, horrivel, cruel, porque mata áquelles. Foram as suas antecessoras auroras ephemerass; ella é um astro com orbita determinada.

Eu não critico, nem analyzo o livro, porque vejo, todos os dias, passar o lyrismo, o amor, a phantasia, a heroicidade, a gloria litteraria e artistica, como os vultos fataes nas tragedias antigas; vejo sempre em prolongado silencio, abafados, como aquelles comprimidos gemidos do Tiradentes, quando tomou posse do seu Pedestal.

V

Posteris tradant.

Cantaste a Família, a Patria e a Humanidade.

A família — pilar da patria, a patria — cruz dos tolos, a humanidade — loucura de Deos.

A escolha de um assumpto, a do ponto de vista, em que tanto se distinguem Bossuet e Mont'Alverne, na eloquencia sagrada; a escolha do momento e da extensão, que no romancista é mais desenvolvida que no historiador, vós a conheceis e praticaes como nos prescrevem as regras.

A escolha das circumstancias e dos contrastes, da topographia e seus accidentes, — vejo fundidas como relevo d'um escudo na descripção do *Ita-tiaya*, — onde vos admiro igual a Virgilio, quando elle descreve o repouso no meio da noite para fazer contraste com a agitação da rainha de Carthago.

Um academico de S. Paulo, — João Cardozo de Menezes, hoje condestavel da politica, — já esteve muito perto da vossa imaginação quando descreveu a serra do *Paranapiacaba*.

ITA-TIAYA

Ante o gigante brasileiro,
 Ante a sublime grandeza
 Da tropical natureza,
 Das erguidas cordilheiras,
 Ai, quanto me sinto timida!
 Quanto me abala o desejo
 De descrever n'um harpejo
 Essas cristas sobranceiras!

Vejo áquem os valles pavidos
 Que se desdobram relvosos;
 Profundos, vertiginosos,
 Cavam-se abysmos medonhos!
 Quanto precipicio indomito,
 Quanto mysterio assombroso,
 Nesse seio pedregoso,
 Nessa origem de mil sonhos!

Ondulam ao longe múrmuras
 Aos pés de esguios palmares,
 As florestas seculares
 Cingidas pela espessura;
 A liana forma dédalos
 Na grimpa das canneleiras,
 Do cedro as vastas cimeiras
 Formam doceis de verdura.

As differentes especies de descripção poetica enchem o seu livro em varios empregos.

A topographia, em que Buffon foi um dos mais completos prosadores, tem em Narcisa Amalia a melhor interprete, na poezia.

A Hypotypose impera nesta estrophe :

— « Salve ! Montanha granitica !
Salve ! Brazileo Hymalaia !
Salve ! Ingente Ita-tiaya,
Que escalas a immensidade !
Distingo-te a fronte valida,
Vejo-te ás plantas, rendido,
O meteoro incendiado,
A soberba tempestade !

Nestes e em todos os seus versos, as figuras de palavras andam a granel, em continuo atropello com as do pensamento.

A accumulção, figura que desenvolve e torna mais clara e mais sensivel a idéa principal ; as hyperboles, que levam, as vezes, o espirito a extravagancias, de que se resentem Milton, Klopstock, Ossian — o rei da apostrophe, e muitos dos nossos poetas, occupam, em tempo apropriado, o seu logar.

Exemplos de antitheses e epiphonemas vae a subtil intelligencia do leitor colhendo á medida que termina um hymno, ou idyllio.

Ella decora os seus pensamentos, como um carola enfeita um altar do sancto de sua devoção.

As figuras de ornamento, as aposiopeses, as gradações, as allusões, e as figuras de movimento e paixão se apostam e se disputam, em rivaes competencias, para exigir da critica a confissão de que ellas offerecem batalha.

Nesta poesia ha uma admiravel exuberancia de tropos, e a optação, — rarissima figura em os nossos livros de maior nome, — tem ali a sua magestade.

Os pleonasmos e as syllepses andam em todo o livro tão obedientes, como o porta-ordens d'um Estado-maior.

Este volume de poesias é um Templo; — quem o penetrar ha de vêr — dentro — *um altar construido de lagrimas !!*

A poesia *25 de Março* é um anathema, é uma ameaça. Não conheço muitas que estejam n'aquella altura.

Resende, — é a monographia d'aquelle sempre luctuoso edificio que se levanta no exilio, — a saudade.

Releve-me a distincta litterata não ir cotejando aqui uma por uma as suas poesias.

Eu as comparo aos hymnos da alvorada; um, tem a afinação dos outros, o mesmo encanto, a mesma seducção; nos inebriam e nos elevam a querer comprehender o sublime, tudo quanto ao céu se ergue.

Começou a poesia lyrica com o homem.

É tão velha como a humanidade; entretanto é sempre nova !

Primeiro cantou Deus; depois o heróe, os reis, os sanctos.

Os hymnos, as odes sacras, os canticos, os Psalmos, o *Magnificat* da Sancta Virgem, esse grito do crente no meio do terror, o *Cantemus Domine*, o *Benedictus* do Propheta, o cantico dos Anjos, o *Te-Deum*, essa inspiração de Santo Ambrosio, são os brazões da poesia lyrica, e nenhuma outra gosa dessas prerogativas.

Os Dois Tropheus, que é um poema, tomou a forma de uma ode heroica, genero mais difficil na composição lyrica.

Se ha um governo capaz de comprehender as allusões e ironias da poetisa; se ha, então as passadas injustiças serão vingadas, aquelle patrimonio de brios conculcados será resgatado.

Como exemplo de ode heroica eu só conheço capaz de se aproximar a essa de Narcisa Amalia, não na elevação de pensamentos, mas na rigorosa obediencia ao genero, aquella ode de Lebrun, cãtando a ruina de Lisboa, destruida pelo terremoto de 1755.

Quando neste paiz a Republica Politica galardoar os benemeritos da Republica Litteraria, Narcisa Amalia exercerá a sua dictadura.

Tem ella cantado o amor da virtude, da gloria, e da patria.

Não é descrente por moda, como foram os imitadores de Musset; não é sceptica como os de Goethe, é republicana

como Schiller, como Felix da Cunha, e Landulpho ; é intransigível como a fatalidade.

Gonsalves Crespo e Campos Carvalho, acedemicos brasileiros em Coimbra, ao receberem este livro hão de se possuir de enthusiasmo.

Coimbra !... a magica cidade
Dos infortunios de Ignez,

Podia ser o throno do talento de Narcisa Amalia, porque ella comprehende porque angustias passou aquella martyr e póde fazer os commentarios da desgraça do principe e da rainha depois de morta.

Deve a autora das *Nebulosas* escrever um *Poema Didactico*, e se vierem açoutal-a os ventos da inveja e os mil desdens da ignorancia atrevida, deve escrever — um *Poema Epico*. É a tendencia da sua indole litteraria.

Estreou-se emancipada da poesia-piegas, do verso-capadocio, da litteratura-artezã, que a hi vivem estucando e distillando biliosas sujidades e obscenas audacias.

Hade vir a época em que o sentimento de patriotismo reivindicará os nomes desses talentos extraordinarios.

Seu estylo vigoroso, fluente, academico ; a riqueza das rimas, tão euphonicas, tão reclamadas e necessarias ao verso lyrico, suas convicções fallando á alma e á imaginação, justificam a sua já precoce celebridade, confirmam a sua surprehendente e rapida appareição, precedida do respeitoso coro da critica sincera e grave.

Ha uma nota dominante em seu espirito que põe em afflictivo concheço a dôr sem consolo no lar da tristeza. Quando a sua grande alma quer-se *divorciar* do seu grande coração — ambos se petrificam.

Não sabe fingir, nem falsificar.

Em seus versos se conhece que ella é indifferente aos nossos capitaes, ás nossas fortunas e riquezas, e lhe causa tedio tudo quanto a rodeia.

A fé — que *aplanou os abysmos*; a crença que *uplanou as montanhas*, vivem em seu espirito. Fé nas conquistas do talento; crença em seus esforços para encaminhar a sua timidez até a hora de a transformar n'um poder.

Tem o seu livro imagens novas, figuras pomposas que pedem nova rhetorica e que se invente nova *Poetica*.

Do estudo rapido que fiz notei que não quiz aprender a dourar a trivialidade com grandes palavras e banalidades grandes, o que tem valido a muita gente uma falsa reputação de sabia.

Em sua prosa poetica, em alguns artigos que li no *Echo Americano*, na *Revista Artes e lettras*, de Lisboa, se mostra que a sua intelligencia não está ao serviço da frivolidade.

Se ella governasse, nem os papas, nem os reis teriam horas certas para o descanso.

Ha em todas as suas composições poeticas um ponto de fixidez imaginativa que anda ao par da vivacidade de emoções, e a expressão do sentimento é sempre forte e concisa.

• A sua individualidade litteraria accusa um character leal e capaz de todos os sacrificios pelas grandes causas.

Sabe ajustar o estylo ao assumpto ; é elegante nas descrições mais breves ; tem graça e doçura a sua linguagem quando descreve a vaidade das outras mulheres. *O baile* é um modelo de satyra, de sarcasmo, de ironia discreta.

Os litteratos brasileiros dirão o que eu não sei narrar, nem conhecer para expôr.

VI

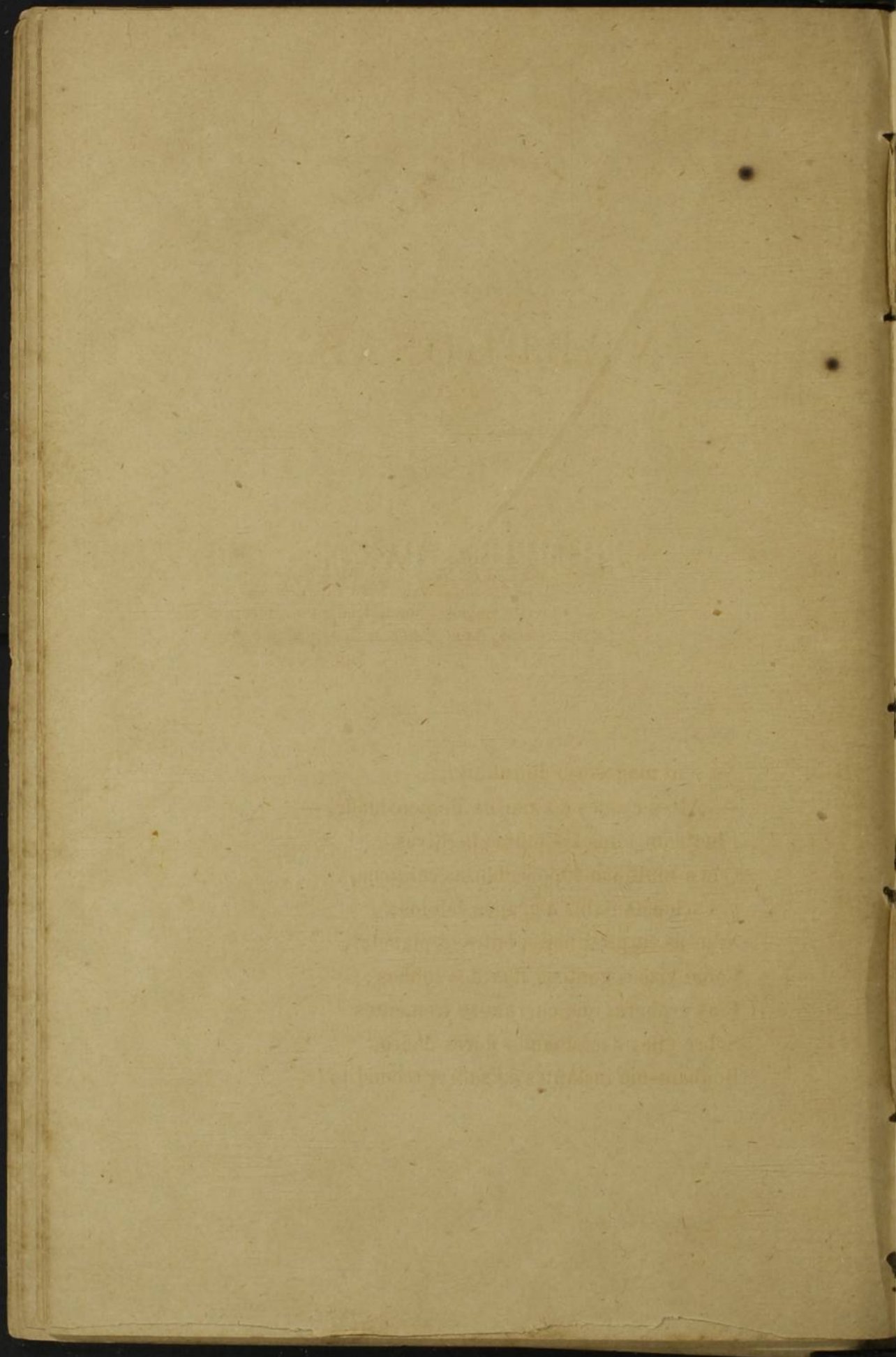
Theophilo Braga, Luciano Cordeiro, Cesar Machado, Adolpho Coelho, Bulhão Pato, Gomes Leal, E. Coelho, Silva Tullio, A. de Castilho, Silva Pinto e Teixeira de Vasconcellos, meus amigos, hão de deferir o seguinte requerimento :

« Peço um lugar de honra no auditorio das vossas glorias litterarias para a autora das *Nebulosas*. »

Por uma vicissitude já vivemos como o povo hebreu ; encerrado, nos limites da obediencia, confiscado, regendos com as leis do vizinho senhor. Remimo-nos do captivo. Queremos, hoje, celebrar as festas da intelligencia em todos os altares onde a gloria architectal-os. A isso se propõe este livro — que não envereda pela abobada ôca dos classicos.

PESSANHA POVOA.

PRIMEIRA PARTE



NEBULOSAS

On donne le nom de *Nébuleuses* à
des taches blanchâtres que l'on voit çà
et là, dans toutes les parties du ciel.

DELAUNAY.

No seio magestoso do infinito,
— Alvos cysnes do mar da immensidade, —
Fluctuam tenues sombras fugitivas
Que a multidão suppõe densas caligens,
E a sciencia reduz a grupos validos;
Vêjo-as surgir á noite, entre os planetas,
Como vizões gentis á flux dos sonhos;
E as espheras que curvam-se trementes
Sobre ellas desfolhando flôres d'oiro,
Roubam-me instantes ao soffrer recondito!

Costumei-me a sondar-lhes os mysterios
Desde que um dia a flamula da idéa
Livre, ao sopro do genio, abriu-me o templo
Em que fulgura a inspiração em ondas;
A seguir-lhes no espaço as longas clamydes
Orladas de incendidos meteoros ;
E quando da procella o tredo archanjo
Desdobra n'amplidão as negras azas,
Meu ser pelo theisn o desvairado
Da loucura debruça-se no pélago !

Sim ! São ellas a mais gentil feitura
Que das mãos do Senhor ha resvalado !
Sim ! De seus seios na doirada urna,
A piedosa lagrima dos anjos,
Ligeira se converte em astro esplendido !
No momento em que o martyr do calvario
A cabeça pendeu no infame lenho,
A voz do Creador, em santo arrojo,
No macio frouxel de seus fulgores
Ao céu arrebatou-lhe o calmo espirito !

Mesmo o sol que nas orlas do oriente
Livre campêa e sobre nós desata
A chuva de mil raios luminosos,
No lyrios sideraes de seu regaço
Repouza a fronte e despe a rubra tunica !

No constante volver dos vagos eixos,
Os órbes em parabolás se encurvam
Bebendo alento no seu manso brilho !
E o tapiz movediço do universo
Mais bello ondeia com seus prantos fulgidos !

E quantos infelizes não olvidam
O hóroscopo fatal de horrenda sorte,
Se no correr das auras vespertinas
Seus sêres vão pouzar-lhes sobre a côma,
Que as madeixas ennastram do crepusculo !
Quanta rosa de amor não abre o calix
Ao bafejo ineffavel das chimeras
No coração temente da donzella,
Que, da lua ao clarão dourando as scismas,
Lhes segue os rastros na cerulea abobada?!....

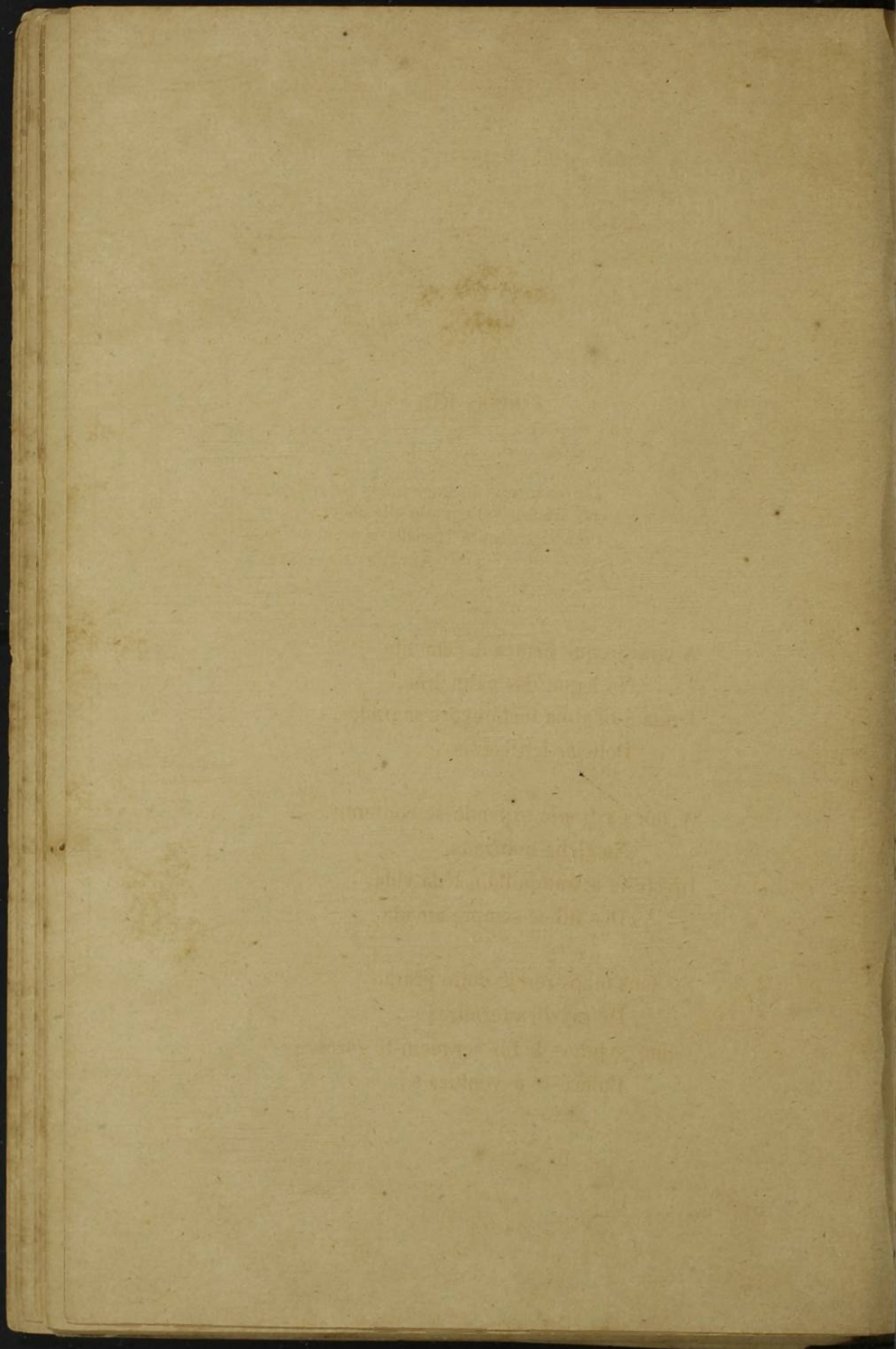
Um dia no meu peito o desalento
Cravou sangrenta garra; trevas densas
Nublaram-me o horisonte, onde brilhava
A matutina estrella do futuro.
Da descrença senti os frios osculos ;
Mas no horror do abandono alçando os olhos
Com tímida oração ao céu piedoso,
Eu vi que ellas, do chão do firmamento,
Brotavam em luciferos corymbos
Enlaçando-me o busto em raios mórbidos !

Oh ! amei-as então ! Sobre a corrente
De seus brandos, noctivagos lampejos,
Audaz librei-me nas azues esphéras ;
Inclinei-me, de flammæ circumdada
Sobre o abysmo do mundo tórvo e lugubre !
Ergui-me ainda mais : da poesia
Desvendei as lagunas encantadas,
E prelibei delicias indisiveis
Do sentimento nas caudaes sagradas,
Ao clarão divinal do sol da gloria !

Quando desci mais tarde, deslumbrada
De tanta luz e inspiração, ao valle
Que pelo espaço abandonei sorrindo,
E senti calcinar-me as debeis plantas
Do deserto as arcias ardentissimas ;
Ao fugir dos sendaes que estende a noite
Sobre o leito da terra adormecida,
Fitei chorando a aurora que surgia !
E — ave de amor — a solidão dos ermos
Povoei de gorgeios melancolicos!...

Assim nasceram os meus tristes versos,
Que do mundo fallaz fogem ás pompas !
Não dormem elles sob os aureos tectos
Das terreas potestades, que fallecem
De morbidez nos fláscidos triclinios !

Cortando as brumas glaciaes do inverno
Adejam nas estancias constelladas
Onde ellas pairam ; e á luz da liberdade
Devassando os mysterios do infinito,
Vão no sôlio de Deus rolar exanimes !...



VOTO

Á MINHA MÃE

Ide ao menos de amor meus pobres cantos
No dia festival em que ella chora,
Com ella suspirar nos doces prantos !

ALVARES DE AZEVEDO

A viração que brinca docemente
No leque das palmeiras,
Traga á tu'alma inspirações sagradas,
Delicias feiticeiras.

A flôr gazil que expande-se contente
Na gleba matizada,
Inveje-te a tranquillã e lêda vida,
Dos filhos sempre amada.

Só teus olhos roreje délio pranto
De mystica ternura;
Como sylphos de luz cerquem-te gozos,
Enlace-te a ventura !

Os filhos todos submissos junquem
De rosas tua estrada ;
E curvem-se os espinhos sob os passos
Da Mãe idolatrada !

Taes são as orações que aos céos envia
A tua pobre filha ;
E Deus acolhe o incenso, embora emane
Da branca maravilha !

SAUDADES

Meus funerarios gemidos
Vão legando á immensidade
Um vasto arcano — a tristeza.
Um canto eterno—a saudade !...

CARLOS FERREIRA.

Tenho saudades dos formosos lares
Onde passei minha feliz infancia ;
Dos valles de dulcissima fragrancia ;
Da fresca sombra dos gentis palmares.

Minha plaga querida ! Inda me lembro
Quando atravez das névoas do occidente
O sol nos acenava adeus languente
Nas balsamicas tardes de Setembro ;

Lançava-me correndo na avenida
Que a lorangeira enchia de perfumes !
Como escutava tremula os queixumes
Das auras na lagôa adormecida !

Eu era de meu pae, pobre poeta,
O astro que o porvir lhe illuminava ;
De minha mãe, que louca me adorava,
Era na vida a rosa predilecta !...

Mas...

... tudo se acabou. A trilha olente
Não mais percorrerei d'esses caminhos...
Não mais verei os miseros anginhos
Que aqueciam na minha a mão algente !

Correi, ó minhas lagrimas sentidas,
Do passado no rórido sudario ;
Bem longe está o cimo do Calvario
E já as plantas sinto tão feridas !...

Ai ! que seria do mortal afflicto
Que tomba exangue á provação cruenta,
Se no marco da estrada poeirenta
Não divizasse os gozos do infinito ? !...

Abrem-me n'alma as dôres da saudade
Um sulco de profundas agonias...
Morreram-me p'ra sempre as alegrias...
Só me resta um consolo. . a eternidade !

LINDA

Her beauty raineth own flamelets of fire,
Animate with a noble, gracious spirit,
Which is creator of each virtuous thought.

MARY ROSETTI.

Vem, tímida creança,
Rosada, loura e mansa
Qual chamma matutina
De tibio resplendor ;
Vem, quero a tez rubentê
Da face transparente,
E a bocca peregrina,
Beijar-te com fervor !

Teus madidos cabellos,
Undosos, finos, bellos,
Em aurea e doce têa
Enlaçam-me o olhar ;

Da primavera os lumes
Em lucidos cardumes,
No anel que solto ondêa
Vão ternos scintillar !

Teu collo alvinitente
S'encurva levemente,
Qual pende na ribeira
O lothus de setim ;
Se a lua alem s'inflamma
De vaga e breve flamma,
Resvalas mais ligeira
Na relva do jardim !

Escuta : Á beira d'agua
A flôr vinga entre a fragua,
E a téla delicada
Se tinge á luz do sol ;
O magico perfume
Que o cálice resume,
A petala nacarada,
Inveja-lhe o arrebol.

Mas vem da trega enchente
A férvida torrente
Em turbilhão raivoso
Ao longe a rouquejar,

E a rubra flôr da margem —
Pendida na voragem,
No pégo tenebroso
Fanada vae rolar !

Ai ! zela a rosa pura
De tua formosura
Que o labio mercenario
Do mundo, não manchou
Sê como a sensitiva
Que se retrahê esquiva
Si o vento louco e vario
As folhas lhe osculou.

Porem, essa belleza
Que deu-te a natureza,
Desmaiará um dia
Aos gellos hibernaes ;
E uma vez perdida
Nos vendavaes da vida,
Á flux da phantasia
Não surgirá jamais !

Oh ! zela mais ainda
A flôr celeste e linda
De tua alma de virgem,
— Teu primitivo amor !

Da divinal bondade
A meiga potestade,
Se acolhe da vertigem
Nas mãos do Creador !

Attende ! A mão mimosa
Dirige pressurosa
Ao pobre, agonisante,
Á sombra do hospital !
Ao mesto encarcerado
Do olhar do sol privado,
Abranda um só instante,
O agrôr da lei fatal !...

Prosegue, etherea lyra,
Nas cordas de saphyra
As harmonias sérulas
Dos risos infantis !
E ao desgraçado em prantos
Dá mil colares santos,
Não de mundanas perolas,
De lagrimas gentis !...

AFFLICTA

Á J.

Per lui solo affido sull'ali dei venti
Il suon lusinghiero dei garruli accenti !
Deh riedi, deh riedi !... mi stringe al tuo cor
E giorni beati — vivremo d'amor !

Il Guarany.

Desde a hora fatal em que partiste,
Turbou-se para mim o azul do céu !
Velei-me na mantilha da tristeza,
Como Sapho na espuma do escarcéo !

Até então o archanjo da procella
Não enluctára o lago das chimeras,
Onde minh'alma, garça languorosa,
Brincava á luz de ethereas primavéras.

Mas um dia attrahindo ao vasto peito
Minha pallida fronte de creança,
Murmuraste tremendo : — « Parto em breve ;
Mas não te afflijas, volta rei, descança ! »

Ai ! Que epopéa turgida de lagrimas
Na commoção d'aquella despedida !
Eu solluçava envolta em véo de prantos :
« Quando voltares, já serei sem vida ! »

Desde então, comprimindo átras angustias,
Vou te esperar á beira do caminho ;
Voltam cantando ao sol as andorinhas,
Só tu não volves ao dezerto ninho !...

Quando a tribu inquieta das phalenas
Liba philtros nas clicias da campina,
Busco da redempção o augusto symbolo,
E falleço de amor como Corinna !

Pois bem ! Se emfim voltares d'esse exilio,
Ave errante, fugindo á quadra hyberna,
Vem á sombra do val : sob os cyprestes
Commigo fruirás ventura eterna !

ASPIRAÇÃO

Á UMA MENINA

Folga e ri no começo da existência
Borboleta gentil !

GONÇALVES DIAS.

Os lampejos azues de teus olhos
Fazem n'alma brotar a esperança ;
Dão venturas, ó meiga creança,
— Flôr celeste no mundo entre abrolhos ! —

Ora pendes a fronte na scisma,
Fatigada dos jogos, contente,
E mil sonhos, formosa innocente,
Phantasias ás côres do prisma ;

Ora vôas ligeira entre clicias
Sacudindo fulgores, anginho ;
E o favonio te envia um carinho,
E as estrellas te offertam blandicias!...

Mas se pende dos fulgidos cilios
Alva pérola que a face te rórs,
De teus labios, na falla sonóra,
Chovem, rollam sublimes idyllios !

De tua bocca na rubra granada
Caíam santos mil beijos felizes !
Tuas azas de lindos mátizes,
Ah ! não rasgues do vicio na estrada !

CONFIDENCIA

A JOANNA DE AZEVEDO

De mais a mais se apertam nossos laços,
A auzencia... oh ! que me importa, estás presente
Em toda a parte onde dirijo os passos.

FAGUNDES VARELLA.

Pensas tu, feiticeira, que te esqueço;
Que olvido nossa infancia tão florida;
Que á tuas meigas phrazes nego apreço...

Esquecer-me de ti, minha querida ! ?...
Posso acaso esquecer a luz divina
Que rebrilha nas trevas d'esta vida ?

Era esquecer a lucida neblina,
Que nas géllidas orlas de seu manto,
Extingue a febre que meu sêr calcina.

Esquecer o orvalho puro e santo,
Que á campanula curva á calma ardente,
Dá mais viço e fulgôr, dá mais encanto.

Esquecer o crystal liso ou tremente
Que me retrata a fronte pensativa !
Esquecer-me de ti, anjo temente !...

Ouçõ-te a voz na langue patativa
Que em thrinos desfallece ao vir do inverno :
— Contemplo-te na mimosa sensitiva.

Sem ti não tem o sol um raio terno ;
Comtigo o mundo trêdo — é paraizo,
E a taça do viver tem mel eterno !

Oh! envia-me ao menos um sorriso !
Dá-me um sonho dos teus doirado e bello,
Que bem negro o porvir além diviso !
Que a existencia sem ti, é um pezadello!...

DESENGANO

Antes d'espírar el día
Vi morir á mi esperanza.

ZARATÉ.

Quando resvalla a tarde na alfombra do poente
E o manto do crepusculo se estende mollemente;
Na hora dos mysterios, dos gozos divinaes,
Despedaçam-me o peito martyrios infernaes ;
E sinto que, seguindo uma illusão perdida,
Me arqueja, treme e expira a lampada da vida !

Feriu-me os olhos tímidos o brilho da esperança ;
A luz do amor crestou-me o riso de creança ;
E quando procurei — sedenta — uma ventura,
Aberta vi a fauce voraz da sepultura !...
Dilacerou-me o seio, matou-me a crença bella,
O tufão mirradôr de horrida procella !

Então pallida e triste, alcei a fronte altiva
Onde se estampa a dôr tenaz que me captiva ;
Sorvi na taça amarga o fel do soffrimento,

E a voz queixosa ergui n'um ultimo lamento :
Era o cantar do cysne, o brado da agonia...
E a multidão passou soberba, muda, fria !

Desprezo as pompas loucas, desprezo os esplendores,
Trilhar quero um caminho orlado só de dôres ;
E além, nas solidões, á sombra dos palmares,
Ao derivar da lymphá por entre os nenuphares,
Quero vêr palpitar, como em meu craneo a idéa,
O insecto friorento na languida nymphéa !

Ao despertar festivo da alegre natureza,
Quero colher as clicias que brincam na deveza ;
Sentir os raios igneos da luz do sol de Maio
Reanimar-me a vida que foge n'um desmaio ;
Pousar um longo beijo nas rubras maravilhas
E contemplar do céu as vaporosas ilhas.

E quando o ardor latente que cresta minha fronte
Ceder á neve algente que touca o negro monte ;
Quando a ethérea aza da briza fugitiva
Trouxer-me os castos threnos da terna patativa,
Elevarei meus carmes ao Sêr que creou tudo,
E dormirei sorrindo n'um leito ignoto e mudo.

DESALENTO

Presago el corazon late en mi pecho!

MARTINEZ DE LA ROZA.

Adeos, lendas de amor, doirados sonhos
De meu cerebro enfermo ;
Adeos, da phantasia, ó lindas flôres,
Rebentadas no ermo.

Um dia, da chiméra no regaço,
Adormeci sorrindo ;
E os astros, lá do empyreo debruçados,
Verteram brilho infindo...

Como á flux da onda egêa um divo canto
De Homero, o bardo cégo,
Resvalei da paixão nas vagas fulgidas,
De esplendores n'um pégo !...

Mas depois... densa nuvem desenhou-se
Na saphyra do céu,
E a ledice infantil fugiu tremendo
Ao futuro escarcéo !

.
.

Porque deixas, ó Deos, que o gello queime
Minh'alma, planta fria ? !...
Cedo descancarei (que importa ?) os membros
Na penumbra sombria,

Onde a roxa saudade funeraria
Enlaça-se ao cypreste ;
Onde a lua, chorosa peregrina,
Derrama a luz celeste !

A vós, lendas de amor, sombras queridas
Dos devaneios meus ;
A vós que me embalaste a adolescencia,
Meu pranto e eterno adeus !..

AGONIA

Je meurs, et sur ma tombe, où lentement j'arrive,
Nul ne viendra verser des pleurs.

GILBERT.

Como vergam as lindas açucenas

As petalas alvejantes

Quando vôam do sul as brumas frias ;

Quando rolla o trovão nas serranias

E os raios coruscantes ;

Como a rôlla das selvas, trespassada

De mortifera setta

Despedida por barbaro selvagem,

Que a debil fronte inclina e cahe á margem

Da lagôa dilecta ;

Como a estrella gentil de um céu risonho,

Luzindo aos pés de Deos ;

Que pouco á pouco triste empallidece,

E cada vez mais pallida fallece

Envolta em negros véos ;

Como a gota de m  l que entorna a aurora
Na tremula folhagem,
E brilha, e fulge ao prisma de mil côres ;
Que depois desaparece aos esplendores
Da doirada voragem ;

Assim foram-se as rosas de meu peito
Sem os rácios de outomno...
Vejo apenas a palma do martyrio
Convidando-me a ir    luz do cirio
Dormir o eterno somno.

CONSOLAÇÃO

PARODIA Á POESIA PRECEDENTE, PELO SR. J. EZRQUIEL FREIRE

Se também vingam lindas açucenas,
Mimosas, alvejantes,
Nas dobras dos vallados — êrmas, frias,
Dardeje embóra o sol nas serranias
Seus raios coruscantes ;

Se também a rolinha trespassada
D'hervada, negra setta,
Acha ás vezes um balsamo selvagem,
E vai gemer ainda á fresca margem
Da lagôa dilecta ;

Porque descrês de teu porvir risonho,
Poetiza de Deos? !...
Si o fanal do viver empallidece,
Si as vezes sem alento elle fallece
Envolto em negros véos ;

Bem cedo raia do prazer a aurora
E a tremula folhagem
Das flôres do viver, rebrilha em côres ;
E ostenta mil doirados resplendores
Sem medo da voragem !

Avante ! Quando as rosas de teu peito
Fenecerem no outomno,
Ser-te-ha um sélio — a palma do martyrio !
E o sol da gloria, — o prefulgente cirio
Que vellará teu somno !...

AMARGURA

Senti o golpe no coração, e como a
copahyba ferida no âmago, distillo
lagrimas em fios !

J. DE ALENCAR.

Ao desmaiar do sol, além, nas cordilheiras,
Ao badallar dos sinos dobrando — Ave Maria, —
Ai ! desprende um gemido, accorde doloroso,
Minh'alma na agonia !

Que importa o lêdo riso de um tempo já volvido?
Que importa o beij o frio da cerração do sul ?...
O soffrimento extingue anhelos de ventura,
— Flôr virgem n'um paúl ! —

Já tive, como todos, meus enlevados sonhos,
Senti tingir-me a face a púrpura do enleio ;
E o coração pulsou-me um dia entre delicias
Fazendo arfar o seio.

E a flôr vendo-me á furto, fulgia mais contente !
E as lampadas do céu brilhavam mais gentis !
E os canticos das aves mais ternos se elevavam
Nas virações subtis !

E a lua me enviava um raio de tristeza ;
A luz, beijo de fogo — ardente, fulgurante !
A nuvem vaporosa ao perpassar no espaço,
Olhava-me um instante !

Ai ! cedo esvaeceu-se a frivola miragem,
E fugitiva, rapida, desfez-se essa illusão ;
Apenas hoje sangra e estua-me sem vida,
O gellido coração.

Não mais se expandem lyrios, nem luzem mais estrellas ;
Emmudeceram lentos os magicos cantores :
Não mais me envolve a luz entre amorosos laços,
E limpidos fulgores.

Porque não sou a rôla que deixa além o ninho,
E estende as leves azas, e vôa n'amplidão ?
Porque não chego ao menos a fronte á immensidade
Por sobre a criação ?!...

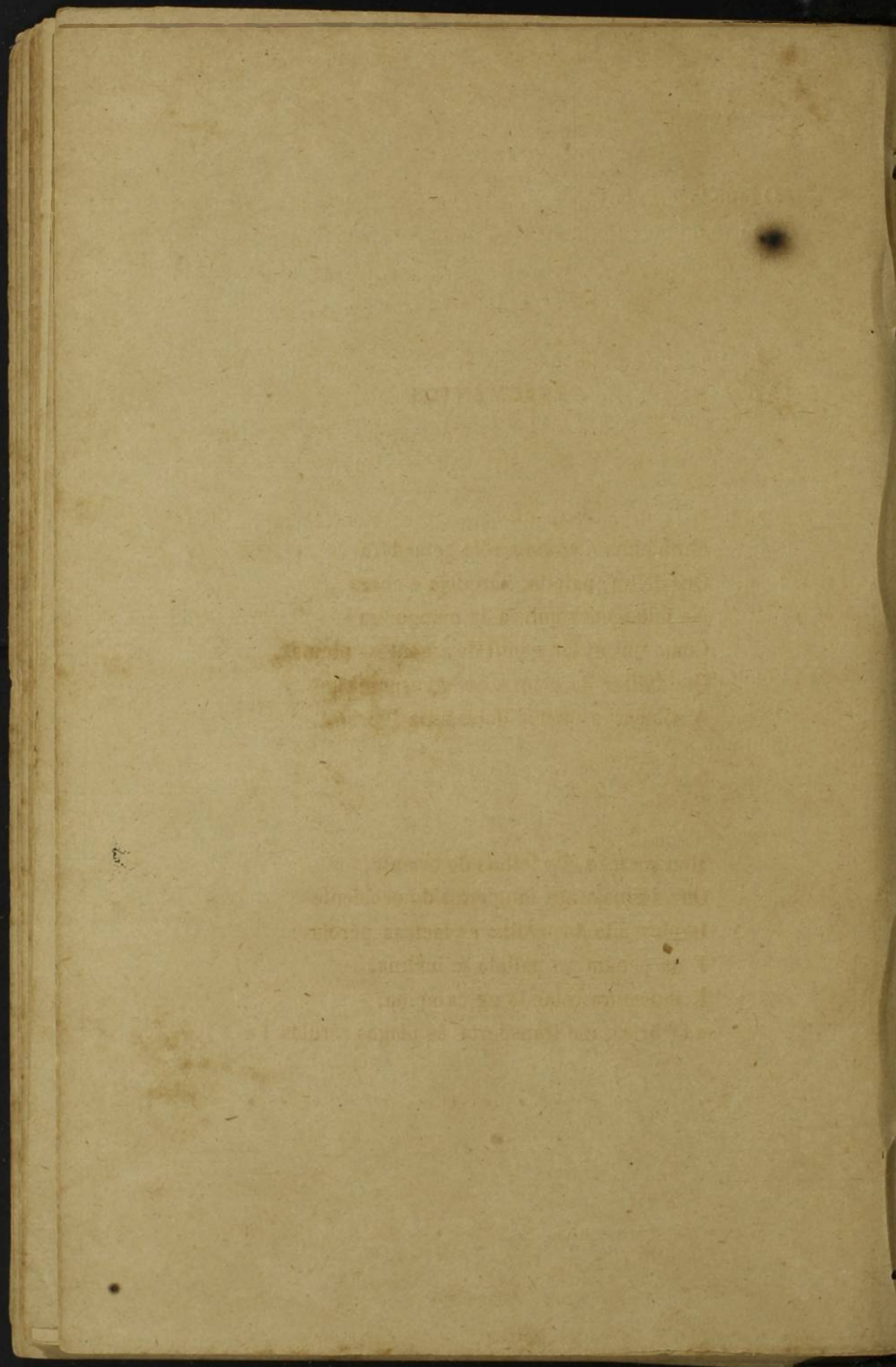
Porque não sou o iris que arquea-se no ether ?
Porque não sou a nuvem dos páramos sidereos ?
Porque não sou a onda azul que além desmaia
A revellar mysterios ?...

O mundo que me vê passar sem um sorriso,
Não vê do meu tormento o horrendo vendaval !
Elle que acolhe e affaga o venturoso; entrega
O triste á lei fatal !...

Só resta hoje á minh'alma os campos do infinito ;
Aquece-se a tristinha ao sol da eternidade ;
E se á lembrança traz as lendas que se foram,
São laivos de piedade !

Meu Deos! porque emballar-me o quêdo pensamento
Se amor é passageiro, se as glorias são de pó ? !
Poetiza — tomo a lyra ás lufas da descrença,
E a ti me volvo só.

- Bondoso abre-me os braços, reúne-me á teus anjos,
A eternal ventura almejo palpitante ;
Contemplarei o — nada — do seio das estrellas,
Das dôres triumphante !



FRAGMENTOS

Minh'alma é como a rôla gemedôra
Que delira, palpita, harqueja e chora
Na folhagem sombria da mangueira ;
Como um cysne gentil de argenteas plumas,
Que fallece de amôr sobre as espumas,
A soluçar a queixa derradeira !

.

Meu coração é o lothus do oriente,
Que desmaia aos languores do occidente
Implorando do orvalho as lacteas pérolas ;
E na penumbra pallida se inclina,
E murmura rolando na campina,
« O' briza, me transporta ás plagas cérulas. ! »

.

Ai! quero nos jardins da adolescencia
Esquecer-me das urzes da existencia,
Nectarizar o fél de acerbos dôres ;
Depois... remontarei ao paraizo,
Nos labios tendo os lyrios do sorriso,
Sobre as azas de mysticos amores !

SCISMA

Zephyro pleno da estival fragrancia,
Sinto á teus beijos resurgir-me n'alma
O drama inteiro da rosada infancia !

FAGUNDES VARELLA.

O' aura merencoria do crepusculo,
Mais terna que o carpir de Siloé ;
És tu que embalas minha funda angustia ;
És tu que accendes no meu peito a fé.

És tu que trazes-me a virginia endeixa
Que os anjos gemem na celeste estancia ;
O sussurro dos plátanos do Libano,
O frescôr dos rosaes de minha infancia !

Estranha languidez gélla-me o seio ;
Abre-se além a campa glacial ;
Minha fronte que ao chão livida pende,
Levanta com teu beijo divinal !

Eu tenho n'alma uma saudade infinda,
Mais profunda que o abysmo dos espaços...
— Chóro meu berço que deixei creança ;
— Chóro o sol que aclarou meus debeis passos.

Recorda-me as dolentes monodias
Que na lagôa canta o pescador ;
E as tristonhas cantigas dos escravos
Quando o céu se desata em luz de amor !

E os campos de esmeraldas que s'enlaçam
A' opala radiante do infinito...
E a pluma extensa dos bambús da matta,
Onde echoava da araponga o grito...

Ai, não me fujas viração sentida !
Fallá-me ainda da estação feliz !
Desfolha sobre a tumba de meus sonhos
A grinalda dos risos infantis !

Este ligeiro halito da patria
Como desperta sensação tão pura !
Como esta essencia dos folguedos idos,
Infunde n'alma tão subtil ternura !

O' aura do crepusculo, mais suave
Que o perfume das rosas de Stambul ;
— Leva á meu ninho meu gemer de alcyone !
— Traz de meu ninho a primavéra azul !

RESIGNAÇÃO

Oh ! que essa tristeza tem doce magia ;
Qual luz que esmorece lutando com as sombras
Nas vascas do dia.

BERNARDO GUIMARÃES.

No silencio das noites perfumosas
Quando a vaga chorando beija a praia,
Aos tremulos rutillos das estrellas,
Inclino a triste fronte que desmaia.

E vejo perpassar as sombras castas
Dos delirios da lêda mocidade ;
Comprimo o coração despedaçado,
Pela garra cruenta da saudade.

Como é doce a lembrança d'esse tempo
Em que o chão da existencia era de flôres,
Quando entoava, ao murmure das espheras,
A copla tentadora dos amôres !

E voava feliz nos invios sêrros
Em poz das borboletas matizadas...
Era tão pura a abobada do elysio
Pendida sobre as veigas rociadas !...

Hoje escalda-me os labios riso insano,
É febre o brilho ardente de meus olhos :
Minha voz só retumba em ai plangente,
Só juncam minha senda agros abrolhos.

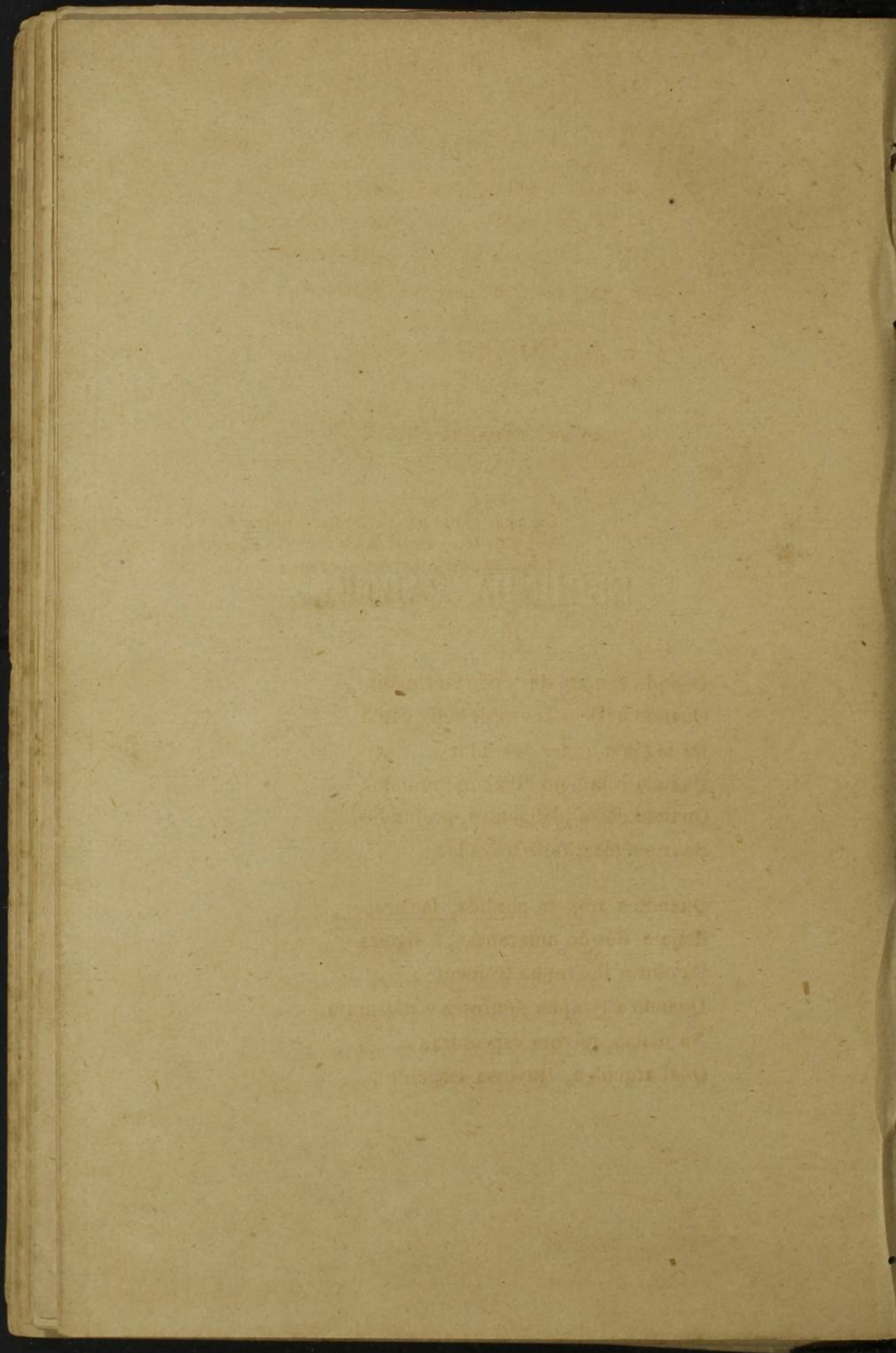
Mas que importa esta dôr que me acabrunha,
Que separa-me dos canticos ruidosos,
Se nas azas gentis da poesia
Elevo-me a outros mundos mais formosos ?!...

Do céu azul, da flôr, da névoa errante,
De phantasticos sêres, de perfumes,
Creou-me regiões cêcias de encanto,
Que a lua doura de suaves lumes !

No silencio das noites perfumosas,
Quando a vaga chorando beija a praia,
Ella ensina-me a orar timida e crente,
Aquece-me a esperança que desmaia.

Oh ! bemdicta esta dôr que me acabrunha,
Que separa-me dos canticos ruidosos,
De longe vejo as turbas que deliram,
E perdem-se em desvios tortuosos !...

SEGUNDA PARTE



INVOCÇÃO

AO DR. PESSANHA POVOA

Ingrata... Oh ! não te chamarei ingrata ;
Sou filho teu : meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio !

ALMEIDA GARRETT.

Quando a noite destende seu manto,
Quando a Deos faz subir rude canto
Da lagôa o andaz pescador ;
Quando rôlam no ether mil mundos, —
Quando eleva plangentes, profundos,
Seus poêmas, feliz trovador ;

Quando a aragem perdida, faceira,
Beija a flôr do amarantho, e ligeira
Os olores lhe rouba tremente ;
Quando a lympa s'enrosca e murmura,
Na macia, relvosa espessura,
Qual argentea, travessa serpente ;

Quando fulge a rainha dos mares
Desdobrando, entornando nos ares
Suavissima e plácida luz,
E descança chorando na lousa
Onde a virgem dormente repousa,
Accolhendo-se á sombra da cruz ;

Quando ao som das gentis cachoeiras
Mil ondinas á flux, feiticeiras,
Cortam rollos de espuma de prata ;
E desperta do abysmo os mysterios,
E rebôa nos campos aerios
O gemido tenaz da cascata ;

Sinto n'alma pungir-me um espinho !
Sinto o vacuo embargar o caminho
Que procuram meus threnos de amor !
D'esse sol que dá luz e ventura ;
D'esses pampas de eterna verdura,
Ai ! não vejo a belleza, o esplendor !

Se eu pudesse, qual cysne mimoso
Que nas aguas campêa orgulhoso,
Demandar minha patria adorada...
Ou condor, em um vôo gigante,
Contemplar sob o céu — palpitante —
Esses lagos de areia doirada...

Mas, ó patria, são frageis as azas !
E se aos bardos mil vezes abrazas
Não me offertas um myrtho se quer !...
Quando intento librar-me no espaço,
As rajadas em tétrico abraço
Me arremessam a phraze — mulher !...

Seja embora ! Se em leves harpejos
Vem a briza cercarte de beijos
E dormir sobre tuas campinas,
Dá-me um trilo dos plumeos cantores !
Dá-me um só dos ardentes fulgores
De teu cálido céu sem neblinas !

NO. 1000

General Order
The following is a list of the
names of the persons who
have been appointed to
the various positions in
the office of the
Commissioner of the
General Land Office,
Department of the Interior,
Washington, D. C.,
for the year ending
June 30, 1890.

Chief Clerk
The following is a list of the
names of the persons who
have been appointed to
the various positions in
the office of the
Commissioner of the
General Land Office,
Department of the Interior,
Washington, D. C.,
for the year ending
June 30, 1890.

NO ERMO

Quando penetro na floresta triste
Qual pela ogiva gothica o antiste,
Que procura o Senhor.
Como bebem as aves peregrinas
Nas amphoras de orvalho das boninas
Eu bebo crença e amor ! ..

CASTRO ALVES.

Salve! florestas virgens, magestosas,
Aos céos alçando as cômas verdejantes
Em perennaes louvôres !
Salve ! berço de brizas suspirosas,
D'onde pendem corôas fluctuantes
Aos lucidos vapores !

Eu que esgotei do soffrimento a taça,
Que pendo par'a campã humida e fria
No alvorecer da vida ;
Que na longa vigilia da desgraça
Não vejo luz... nem tenho na agonia
Consolação querida ;

Eu que sinto na fronte êrma de sonhos
A scentelha voraz, a febre ardente
Que o viver me consome ;
Que já não creio n'um porvir risonho...
Que só busco olvidar n'um ai plangente
O martyrio sem nome...

Oh ! eu quero, meu Deos sorver sedenta
Os virgineos effluvios d'esta selva,
Gozar belleza e sombra !
Molhar meus pés na vaga somnolenta...
E desmaiar depois da molle relva
Na balsamica alfombra !...

Aqui, entre estes troncos seculares,
Sob a cupola ingente que fluctúa
N'um mar de luz serena,
Não penetra a paixão com seus esgáres ;
Mais languido fulgor esparge a lúia
Nas azas da phalena.

Na mystica penumbra entrelaçadas
Vicejam longas palmas espinhosas
De rastejantes cardos ;
E do ámago das arvores lascadas,
Em fios brotam bagas preciosas
De crystalinos nardos.

Ao brando embate da amorosa aragem
Desprendem-se das longas trepadeiras

Mil pétalas purpurinnas ;
E dos terraes a tépida baffagem
Derrama o grato odor das canemeiras
No calix das boninas.

Nas folhas de sereno gotejantes,
Balouça-se o insecto de esmeralda

À luz doirada e pura ;
A serpente de tintas cambiantes
Desprende-se da flórida grinalda,
E roja na espessura !

Além, recorta o valle aveludado,
Entre moutas gentis de violetas

O arroio preguiçoso ;
E das flores aladas namorado,
Retrata as doudejantes borboletas
No leito pedregoso.

Em floridos festões crêa a liana,
Sobre a lympha que rolla murmurando,

Mil pontes graciosas,
Ou colliga-se á herculea cangerana,
E eleva-se, blandicias derramando,
Às nuvens luminosas.

O povo dos ceruleos passarinhos
Que ha pouco em doces hymnos de alegria,
 Cantava seus amôres,
Volteia em busca dos macios ninhos
Saciado de gozo, a phantasia
 Replecta de esplendores.

Pouco a pouco derramam-se nos ares
Mais doces murmurios. Já se esvaem
 No remanso da noite
Os harpejos dos tremulos pilares ;
Já não baffeja os lothos, que descaem,
 Das auras o açoite.

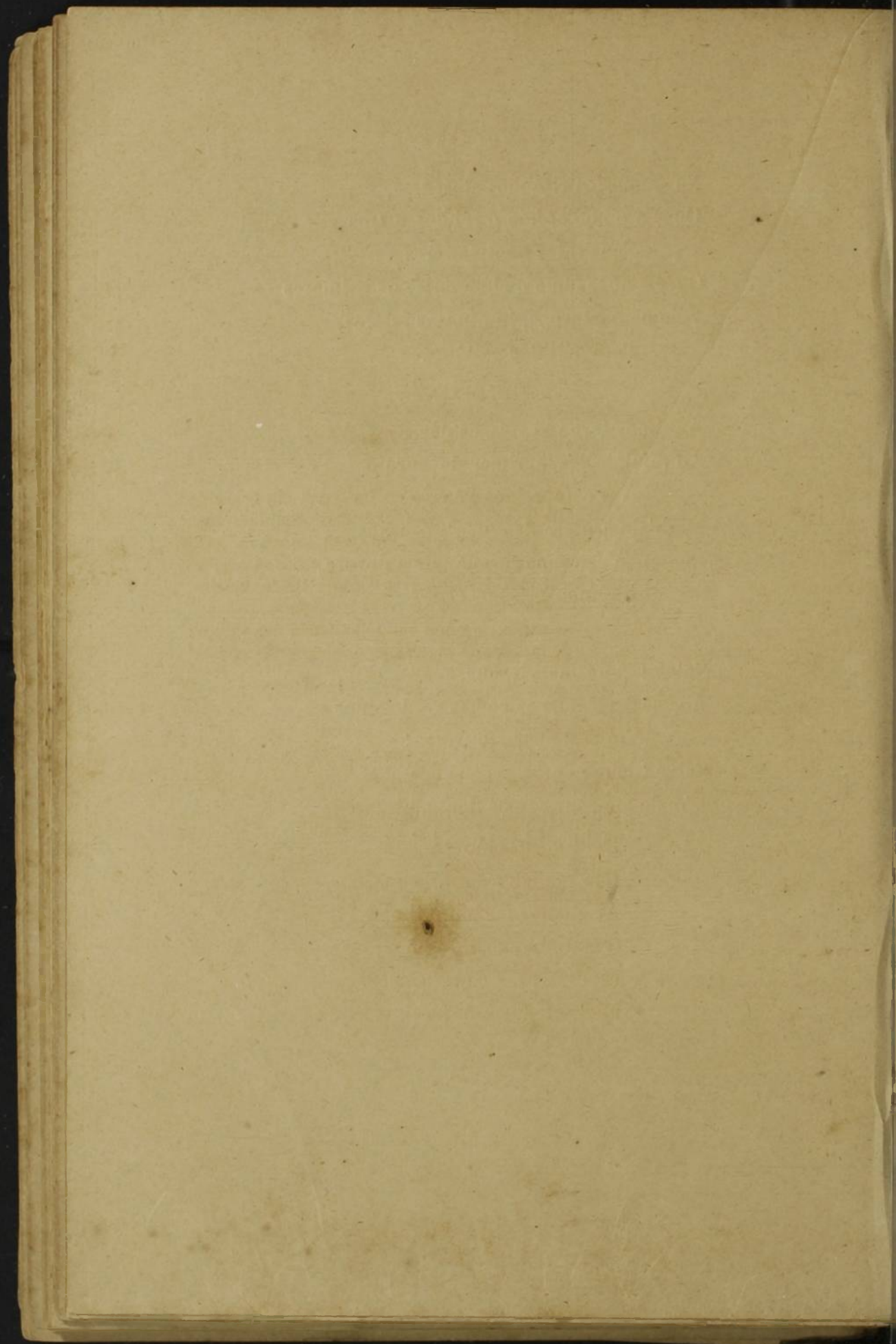
Agora que repousa a turba estulta,
Que a lua brinca nos vergeis fulgentes,
 E os sylphos se embevecem,
O primeiro cantor brasileiro exulta ;
E os gorgeios sonóros, estridentes,
 N'um gemido fallecem !

De novo a voz se alteia palpitante
Ao capricho indolente, languoroso,
 Da garganta canóra ;
Varia o poeta a escalla delirante...
Dir-se-hia o murmurar langue saudoso,
 Da onda que s'esflóra!...

Eu amo estes risonhos alcaçáres,
Quer a pino dardeje o rei dos astros
Seus raios queimadores
Quer a névoa que ondeia entre os palmares
Véle os nocturnos, luminosos rastros,
Com géllidos pallôres.

Aqui aos ternos canticos das aves,
Ao refulgir das lagrimas da aurora
Nos campesinos véos,
Minh'alma presa de emoções suaves
Desdenha a magua insana que a devora,
E remonta-se aos céos !

Salve ! florestas virgens, magestosas,
Aos céos alçando as cômas verdejantes
Em perennaes louvores !
Salve ! berço de brizas suspirosas,
D'onde pendem corôas fluctuantes
Aos lucidos vapores !



O ITA-TIAYA

Os negros pincaros do Ita-tiaya, em forma de agulhas, eram em seus vertices dourados por uma frouxa luz solar, em quanto que um certo lusco e fusco matutino pairava sobre as regiões occupadas por Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro. O gello alastrado por terra e escalando o flanco dos montes, era um manto prateado nas varzeas e pyramides de crystaes nos cabecos dos montes!

FRANKLIN MASSENA.

Ante o gigante brasileiro,
Ante a sublime grandeza
Da tropical natureza,
Das erguidas cordilheiras,
Ai quanto me sinto timida!
Quanto me aballa o desejo
De descrever n'um harpejo
Essas cristas sobranceiras!

.

Vejo á quem os valles pávidos
Que se desdobram relvosos ;
Profundos, vertiginosos,
Cavam-se abysmos medonhos !
Quanto precipicio indomito,
Quanto mysterio assombroso
N'esse seio pedregoso,
N'essa origem de mil sonhos !...

Ondúlam ao longe múrmuras
Aos pés de esguios palmares,
As florestas seculares
Cingidas pela espessura ;
A liana forma dédalos
Na grimpa das canneleiras,
Do cedro as vastas cimeiras
Formam docéis de verdura.

Por sobre os seixos dos alveos
Collêam brancas serpentes,
E as aguas soltam frementes
Dorídos, brandos queixumes ;
Ao perpassar pelas fragoas
Em prateados cachões,
Sacodem nos turbilhões
Seu diadêma de lumes.

Brota a torrente cerulea
Do Ayuruoca em cascata,
Rola a trega cataracta
Sobre coxins de esmeraldas;
A lympa desmaia tumida
No coração da voragem,
E terna — lambendo a margem
Vae perder-se além das fraldas !

Em tres lagos vejo o thálamo
Onde as agulhas se elevam,
N'elles constantes se cevam
Tres espumosas vertentes;
Do Paraná galho eburneo
Do Mirantão se desprende
E, sem que banhe Rezende,
Leva ao Prata os confluentes !

Rompendo o celeste páramo
Nem mais um tronco viceja,
A erycinia rasteja
Sobre as fendas do granito :
Tapeta o sólo a nopalia,
Verte effluvios a açucena,
E a legendaria verbena
Corôa o negro quartzito !

Mais alto, ostenta-se a anémona
No caule raymunculoso ;
Pendem do seio mimoso
Flocos de virgem pureza :
Roubou-lhe a tinta das petalas
O *scirrus* que adorna a aurora ;
A vaga quando desflora
Imita-lhe a morbidez !

O Térglu, o Asse, e o Pésciora
Invejam esta altitude,
E da côma aspera e rude
Os cabeços recortados.
Pendem rochedos erraticos
Na vastidão da eminencia,
Bellezas que a Providencia
Guarda á seus predestinados.

Em de redór, ás planicies
Nivellam-se as serranias ;
Envoltos nas brumas frias
Transparecem os outeiros ;
E o olhar ardente e ávido
Contempla os montes perdidos,
Como trophéos reunidos,
Como tombados guerreiros !...

Salve ! montanha granítica !
Salve ! brasileiro Himalaya !
Salve ! ingente Itatiaya,
Que escalas a immensidade !...
Distingo-te a fronte valida,
Vejo-te ás plantas, rendido,
O meteóro incendiado,
A soberba tempestade !...

De teu dorso assomam invios
Feixes de pedra em pilastras,
Orgam gigante que enastras
De mil grinaldas alpestres !
Quem lhes calca a base, intrépido,
Vendo o sublime portento,
Liberta seu pensamento
Das amarguras terrestres !

Rasgando o horizonte plumbeo
O sol te envia seus raios ;
As nuvens formam-te saios
Quaes ligeiras nebulosas !
Miram-te as flores ethereas,
Cobrem-te espumas de neve,
Dão-te o pranto fresco e leve
Da noite as fadas formosas !

E quando envolvem-te as ascuas
Queimando o chão rociado,
Funde-se o tyrso gellado,
Cahem profusos fragmentos !
Muda-se o quadro de subito :
— Chóvem crystaes dos pilares,
E nú se perde nos ares
O perfil dos monumentos !...

.

Vae meu canto ao mundo soffrego
Que ante os prodigios se inclina,
Narrar a belleza alpina
Das regiões em que trilhas ;
Leva-lhe nas azas véllidas
Meu culto á serra gigante,
Patrio ponto culminante,
Berço de mil maravilhas !...

VINTE E CINCO DE MARÇO

Lave-se a nodoa infame que marêa
O refulgente nome do Brazil ;
E se o sangue sómente lavar pôde
Essa mancha odienta e vergonhosa
Venha o sangue, por Deos, venha a revolta !

CELSO MAGALHÃES.

Na noite sepulchral dos tempos idos
Placida avulta a merenchoria esphinge ;
Esplendido fanal que esclarecêra

A crente multidão !

Monumento do verbo grandioso
D'este povo titan, débil ainda...
Scentelha sideral que fecundára
A seiva da nação !

Lacerado o sendalio tenebroso
Que nos vellava os livres horizontes,
Entoa o continente americano
Um hymno colossal ;

Mais vivida no peito a fé rutilla ;
Mais nobres s'erguem dos heróes os bustos
Cingidos pela flamma deslumbrante
Da gloria perennal.

Mas tu projectas o negror no espaço
Que sobre nós desata-se em sudario !
Mas teu halito extingue a luz benefica
Que acendêra o Senhor !
Maldicção ! Maldicção ! A liberdade
Vê de lôdo seu manto salpicado...
Do volcão popular a ignea lava
Desmaia sem calor...

Raiaste como o symbolo nefasto
Do traidor Antitheo, mentindo ao orbe ;
E os louros virgens da nação sorveste
Como hydra voraz !
Roubaste ao povo a palma do triumpho,
Recompozeste a algêma ao pó lançada,
E moldaste no bronze a estatua fria
Da mentira loquaz !

Das espaldas robustas da montanha
A pedra derrocada, abate selvas ;
A avalanche vascilla lá nos Alpes,..
Convulsam terra e mar !

Resvalaste, padrão de cobardia,
Pelos aureos degraus do solio augusto...
E a santa aspiração, e os sonhos grandes,
Esmagaste ao tombar !...

Apoz a luz... o chãos confuso, intermino !
Apoz o hymno festival de um povo...
O lugubre silencio do sepulchro
Sem uma queixa, ou voz !
Lançaste a patria em barathros profundos
Ferida pela mão da tyrannia,
E apenas um lampejo de civismo
Deixaste ao crime atroz !

.

Onde estavam, ó patria, os teus Andradas
Que sustinham-te aos hombros gigantescos ?
Onde o triplice brado altipotente
Do peito popular ?
— Gemem sem luz em carceres medonhos,
— Seguem do exilio a pavorosa senda
Rorando com seu pranto piedoso
De teu solo o altar !

Rasgae, rasgae a folha luctulenta,
— Emblêma de mesquinho captiveiro ;
Não vedes ? Choram hoje em suas campas
Os manes dos heróes!...

Salvae a honra dos que em lar estranho
Por ti verteram lagrimas de sangue,
E resgatando a fé despedaçada,
Vingáe nossos avós !...

MANHÃ DE MAIO

À BRANDINA MAIA

A madrugada
Recatada no véo d'espessa bruma
Apparece, respira-se alegria !

THEOPHYLO BRAGA.

Querida, a estrella d'alva ao mar s'inclina ;
Solta a calhandra o canto da matina
Na côma ingente da giesta em flôr !
A natureza é uma óde immensa :
Eleva-se de cada mouta densa
Um hymno ao Creador !

Deixemos a cidade : além, a veiga
Nos guarda a olencia apaixonada e meiga
Dos corymbos que agita a viração.
Vês ? Desponta uma rosa em cada galho,
E das rosas tremula o doce orvalho
No rubro coração !

Pelas espaduas asperas do monte,
— Gigante das legendas do horizonte,
Rólla a espuma de luz e alaga o val ;
Ao molle influxo de teu riso mago
Desperta o euro e friza em doudo affago
Das lymphas o crystal !

E o nenuphar a estremecer de frio
Levanta a fronte cérula do rio
Expondo ao raio a face de setim ;
As borboletas dansam como willis ;
Esquece a louca abelha as amaryllis
No seio do jasmim !

Da selva secular nas verdes naves
Perdem-se ao longe os canticos suaves
Dos volateis psalmistas do sertão ;
Ouves ? A queixa turbida das mattas,
E o murmur merencorio das cascatas
Reboam n'amplidão !...

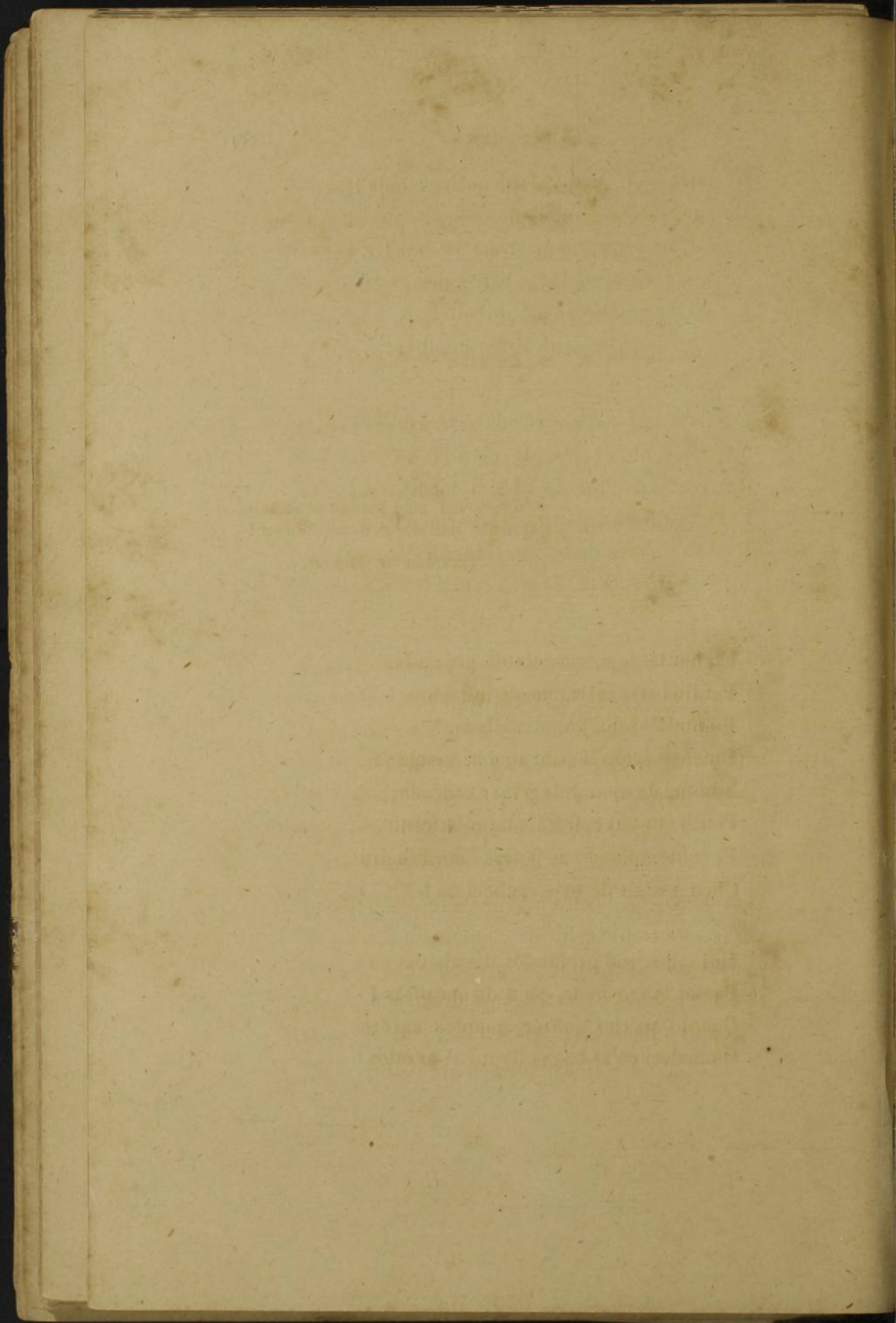
Rasgando a profundeza fluctuante
Das nuvens a pilastra scintillante
Sustenta do infinito a concha azul ;
E a concha do infinito é o quente ninho,
D'onde a estrella, doirado passarinho,
Voara para o sul ! —

Na terra — plena paz ! plena harmonia !
Rólam cantos de amor, de poesia,
No val, na serra, na extensão do mar !...
No firmamento — fogos peregrinos,
E a névoa a gottejar prantos divinos
De Deos ao terno olhar ! ..

É a hora em que a préce da serrana
Vae fervente da placida cabana
Às plantas expirar do Redemptor !
Em que a loira creança acorda rindo !
E corta o dorso do oceano infindo
O pobre pescador !

E a phantasia arroja-se no espaço
Da calligem quebrando o frio laço
Para ondular no pélago de anil !
E Deos desprende para ti, formosa,
A essencia virginal da tuberosa,
Que s'emballa no hastil !

Em nosso seio brinca a primavera,
Em nossa frente a lúcida chiméra
Verte a flamma voraz da inspiração ;
Pois bem ! que o vento leve á divindade
Do puro altar de nossa mocidade
O incenso da oração !...



A' REZENDE

Eu te achei, meu bordão de romeiro
Quando mal m'esperavas... talvez!

TEIXEIRA DE MELLO.

Emfim te vejo, estrella da alvorada,
Perdida nas cellagens do horizonte !
Emfim te vejo, vaporosa fada,
Dolente preza de um sonhar insonte !
Emfim, de meu peregrinar cançada,
Pouzo em teu collo a suarenta fronte,
E, contemplando as petreas cordilheiras,
Ouço o rugir de tuas cachoeiras !

Mal sabes que profundos dissabôres
Passei longe de ti, éden de encantos !
Quanto acerbo soffrer, quantos agrôres
Humedeci co'as bagas de meus prantos !

Sem um raio se quer de teus fulgôres...
Sem ter a quem votar meus pobres cantos...
Ai ! O Simun cruel da atroz saudade
Matou-me a rubra flôr da mocidade !...

Vivi bem triste ! O coração enfermo
Buscava embriagar-se de harmonias,
Porém via do céu no azul sem termo
Um presagio de novas agonias !...
O bolicio do mundo era-me um ermo
Onde as lavas do amôr chegavam frias...
Só uma melancholica miragem
Doirava-me a soidão — a tua imagem !

Caminhei, caminhei sem ter descanso
Ao som das epopéas das florestas ;
Caminhei, caminhei e no remanso
Da tarde, ouvi do mar as vozes mestas ;
Nas ribas descancei de um lago manso
P'ra gozar do talento as nobres festas,
E adormeci na esmeraldina alfombra
Da palmeira real á grata sombra !

Caminhei inda mais : com nobre empenho
Penetrei no sagrado sanctuario
Onde o genio — em delirio — arrasta o lenho
Do trabalho, em demanda de um Calvario !

Vi surgir sobre a tella, á luz do engenho,
-E povoar o templo solitario,
Da Carioca a languida figura,
De Nhaguassú o feito de bravura !...

Inclinada nas longas penedias
Acompanhei o vôo das gaivotas ;
Meu nome arremessei ás ventanias
Sem que sentisse sensações ignotas !
Da musa do piano as melodias,
De uma flauta canóra as doces notas,
O gello que sorvi n'um mago enleio,
Tudo gellado achou meu debil seio !...

Mas apoz negridão de noite lenta,
Na curva do horizonte o sol resplende :
Apoz o horror de tétrica tormenta,
Gazil santélmo lá no céu se acende ;
Apoz o latejar da dôr cruenta
Vejo-te emfim, ó placida Rezende,
Debruçada no cimo da colinna,
Sorrindo meiga á exhausta peregrina !

Abre-me os braços, filha do occidente,
Quero beber teus mádidos luáres !
Quero escutar o solluçar plangente
Do vento pelas franças dos palmares !

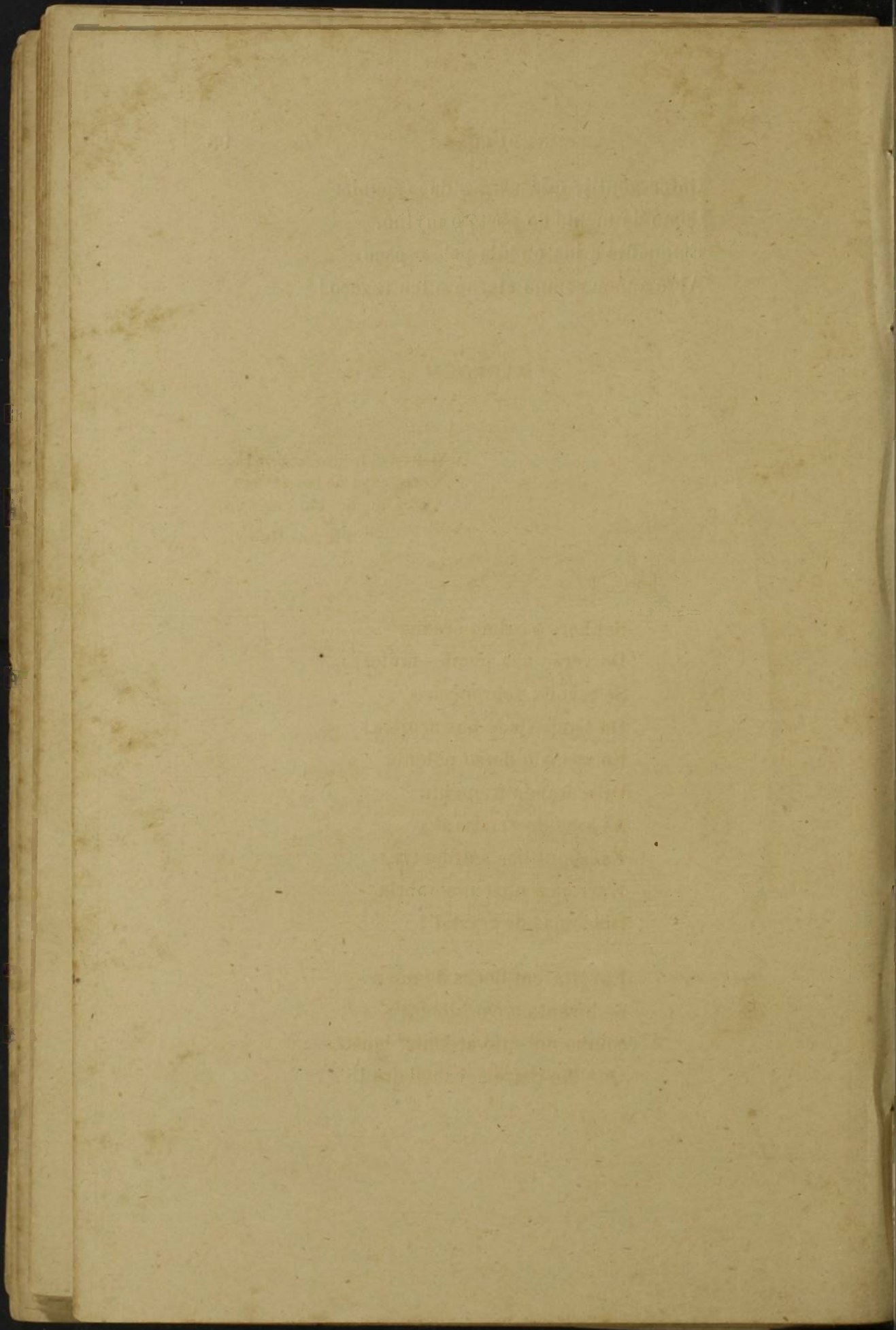
Não vês que no meu labio ha sêde ardente ?
Que calcinou-me a tez o sól dos máres?...
Ah! mostra ao passo meu tardio, incerto,
A sombra d'arequeira do deserto !

Que saudades que eu tinha das campinas,
D'estes prados e veigas odorantes !
De teu tyrso de candidas neblinas
Recamado de auroras cambiantes !
D'estas brandas aragens matutinas
Que doudejam com as ondas murmurantes,
De tudo, tudo quanto em ti resumes,
Formosa noiva dos estivos lumes ! —

Na corolla da flôr de minha vida
Se aninha agora inspiração mais pura ;
De meu rio natal a voz sentida
Desperta em mim um mundo de ternura !
Em minha triste fronte empallecida
Mais uma estrophe limpida fulgura,
E no berço de tuas matas densas
Libo sedenta o orvalho de mil crenças!...

O' filha de Tupan, que um véo de brumas
Estendes sobre o misero precito ;
O' ave linda, que as mimosas plumas
Aqueces nos ardores do infinito ;

Garça gentil, que surges das espumas
Como da mente do poeta o mytho,
Emquanto a lua ondúla pelo espaço
Abre a meu somno eterno o teu regaço !



MIRAGEM

Délivrez, frémissant de rage,
Votre pays de l'esclavage,
Votre mémoire du mépris

VICTOR HUGO.

Senhor, o calmo oceano
Do verão nas quentes noites,
Se revolta sobranceiro
Da tempestade aos açoites !
Encrespa o dorso potente
Dilacerando fremente
As azas do vendaval ;
Faz scintillar a ardentia,
E arroja á nuvem sombria
Diademas de crystal !

Envolta em flocos de néve
Se levanta a cordilheira ;
Sonha um raio ardente, igneo,
Que lhe doire a cabelleira !

Fita audaz o vasto espaço,
Despedaça o tibio laço
Dos nevoeiros do sul;
Solta a côma de granito,
Vae devassar o infinito
Rasgando o cendal azul !

No espelho em que o sol se mira
A tarambola em d-lirios,
Corta co'as plumas de prata
Da espuma os nitidos lyrios ;
De sobre o escarcéo, ignota,
N'um vôo immenso a gaivota
Sonda os páramos do ar ;
E dos paços encantados
Surgem peixinhos doirados
Que saltam á fról do mar !

Oh ! tudo, tudo se expande
Ás auras da liberdade !
A treva calcando ás plantas,
Demandando a immensidade !
Do incenso a loura neblina...
O sôm da voz argentina
Que canta idyllios de amores...
Do Nuttal o pó ardente...
Da matta a cup'la virente...
Do rio os tenues vapôres !

E sob o céu sempre bello
Da mais seductora plaga,
Beija — o rei — da natureza
'O ferro que o pulso esmaga? !
Qu' importa que os saxeos montes
— Atalaias de horizontes —
Clamem do ar n'amplidão :
« Levanta-te, ó povo bravo,
Quebra as algêmas de escravo
Que aviltam-te o coração » ? !...

Rompem-se esforços insanos,
Esmaga o flagício lento ;
Mas a verdade sublime
Não aclara o firmamento.
Descera a mortalha fria
Que do mais formoso dia
Enturvava o alvorecer,
E não transborda ruidoso
O vagalhão luminoso
Que o sceptro deve sorver ! ?

Meu Deos, quando ha de esta raça,
Que genuflexa rebrama,
Erguer-se de pé, ungida,
Das crenças livres na chamma ?
Quando ha de o tufão bemdicto
Trazer, das turbas ao grito,

O verbo de Mirabeau ?
E a luz da moderna idade
Ao cráneo da mocidade
Os sonhos de Vergniaud ?!...

Oh ! dá que em breve eu contemple
Aos puros raios da gloria
O feito altivo gravado
Nos fastos da patria historia !
Dá que d'este somno amargo,
D'este pélago em lethargo
Que nos envolve no pó,
Surja a vaga triumphante
Que anime no tumulo ovante
As cinzas de Badaró !

LEMBRAS-TE ?

À ADELAIDE LUZ

La nature semblait n'avoir q'une âme amante,
La montagne disait : Que la fleur est charmante !
Le moucheron disait : Que l'océan est beau !

VICTOR HUGO.

Era á tardinha : a luz no monte debruçada
Nos enviava o — adeus — com tépido languor ;
Brincava em nossas tranças à briza embalsamada,
Tudo ante nós sorria, desde a graminea á flôr.

E tu me perguntaste com essa falla aérea,
Tomando minha mão nas tuas mãos mimosas :
— « Porque scismando fitas a vastidão siderea ?
Porque contemplas muda as tenues nebulosas ? »

Escuta : a terra sagra ao sol mil harmonias !
A fonte ondúla tremula a superficie azul ;
Vagam no espaço — errantes — celestes melodias,
E róseas nuvens cingem a amplidão do sul.

No ar brincam as sombras com seus fulgores pallidos,
As dryades desdobram as azas transparentes ;
Esquece a magnolia do dia os raios callidos,
E os alvos nenuphares se occultam nas correntes.

Ao longe, o busto negro de immensa serrania
Campêa magestoso ao languido clarão...
Esváe-se lá nas selvas o som d'Ave-Maria...
E a trepadeira rubra alastra o molle chão.

Argenteas cataractas rolando pelas fragoas
Sacodem catadupas de lindos diamantes ;
Na face dos arroios, na candidez das aguas,
Perfumam maripozas os corpos cambiantes.

Além soluça a rôlla um cantico saudoso...
Entorna-se a poesia do firmamento á flux ;
Gemem eolias harpas, e o manto luminoso .
Do céu, desvenda as loiras palhetas que produz !

Não me pergunte mais com essa falla aeria
Porque muda contemplo as tenues nebulosas,
Porque scismando fito a vastidão siderea,
O' sylphide embalada em névoas vaporosas !

Vejo no lago azul, na flôr, nos verdes montes,
O Ser que cria a briza, e doira o arrebol ;
Que impelle a nuvem tumida por sobre os horizontes,
Que fazendo-nos de pó, vestiu de luz o sol !...

A' LUA

Tu és o cysne que em meus cantos canto,
Tu és a amante que em meus prantos chora!

TEIXEIRA DE MELLO.

Contemplas-me, virgem pallida ?
Mandas-me um riso ? Não creio !
Não vejo a espuma fulgente
Da luz, n'um beijo fervente
Tingir-te a néve do seio !

Porque de brandas caricias
Circundas a poetiza ?
Não tens acaso nas flôres
Mais feiticeiros amôres ?
Não tens o harpejo da briza ?

Quando no leito sidereo
Repousas a face linda,
Pareces alva creança
Que descuidosa descansa
No berço alvejante ainda.

E se passas entre páramos
Nos braços de mil anginhos ;
Se vaes banhar-te nos lagos
Do lyrio aos langues affagos,
Saúdam-te os passarinhos !

Ah ! quebra a mudez intermina
Meiga irmã dos perylamos !
Não vives de poesia ?
Porque percorres sombria
Do céu os lucidos campos ?

Estendo-te os braços tremulos,
Vem desvendar-me o mysterio ;
Contar-me as latentes dôres,
A causa dos teus pallôres,
Rainha do reino aerio.

Depois... ao clarão esplendido,
Seguindo-te os lentos passos,
Contar-te-hei meus pesares
Em frente á estensão dos mares,
Preso em teus délios laços.

Mas não tentes, em silencio,
Sondar a chaga dorida !
É tarde, virgem, é tarde,
No meu seio apenas arde
Uma scentelha de vida !

SETE DE SETEMBRO

Ergueu-se a mão de Deus sobre o Ypiranga
Quando o esteio alluiu do despotismo.

FÉLIX DA CUNHA.

Eu vain l'injuste violence
Au peuple qui le loue imposerait silence ;
Son nom ne périra jamais,
Le jour annonce au jour sa gloire et sa puissance.

RACINE.

Salve ! dia feliz, dacta sublime
Que despertas o sacro amor da patria
Em nossos corações !
Salve ! aurora redemptora que eternisas
A éra em que o Brazil entrará ovante
No fórum das nações !

Áquem do oceano, entre choréas mysticas,
Co'a immensa côma abandonada aos ventos
Descançava a dormir,
O filho altivo das cabralias scismas ;
— Calmo como a Sybilla que tateia
Mysterios do porvir !

E os ósculos ardentes do pampeiro
Do gigante adormido os lossos membros,
 Enchiam de vigôr,
E os délios raios da saudosa lua
A soberba cabeça lhe adornavam
 D'estemmas de fulgôr.

Um dia... ai ! despertou, vendo cortado
Pela infame cadêa dos captivos
 O nobre pulso seu ;
Estremecêra em ancias : lava ardente
Rugíra incendiada pelas fibras
 Do novo Prometheu !...

E os mundos agitaram-se nos eixos ;
E o mar convulso arremessou aos ares
 Crystaes em turbilhões ;
E a humanidade inteira ouviu tremendo
O brado heroico que rasgára o peito
 Do genio das soidões !

Apóz insano esforço, ergueu-se ingente
Calcando aos pés a algêma espedaçada
 Da luta no estertor,
E o Amazonas foi dizer aos mares,
E os Andes se elevaram murmurando :
 « Eis-nos livres, Senhor ! »

Tu fôste meiga estrella que fulguras,
Apontando o caminho ao pegureiro
Expôsto ao vendaval ;
Rosa orvalhada de divinas lagrimas,
Que o collo purpurino reclinaste
No solio de Cabral ;

Liberdade gentil, visão dos anjos,
Clicia mimosa balouçada á sombra
Pelo bafo de Deos,
Tu fôste, como sempre, a luz d'alliança
Que a santa chamma n'alma aviventaste,
Roubando-a aos escarcéos !...

Mas não se cinge a escravidão á algêma :
A terra que sagrar vieste livre
Do futuro no altar,
Rasgado o seio por voraz abutre,
Vê-se óra entregue á escravidão dos erros,
Sem forças, vascillar !

Ah ! não te esqueças d'este augusto dia !
Ampára o debil povo que se curva
Ante um falso poder !
Desdobra tuas azas refulgentes
Sobre o leito funereo em que repousa
O martyr Xavier !

E quando os filhos teus tendo por bussola
A crença livre que n'antiga idade
Fundiu tantos grilhões,
Remontarem aos pólos do futuro
Enchendo o vacuo de um presente inerte
De industria e aspirações ;

Serás tu, liberdade sacrosanta
Que cingida de magos resplendores
Nos ungirás de luz !
Serás tu, que voltada p'ra o infinito
Nos guiarás na senda fulgurante
Que á victoria conduz !...

Salve ! dia feliz, dacta sublime,
Que despertas o sacro amôr da patria
Em nossos corações !
Salve ! aurora redemptora que eternisas
A éra em que o Brazil entrára ovante
No fórum das nações !...

A NOITE

Eu amo a noite solitaria e muda
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro que lhe tinge a face
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóes a divagar no espaço.

GONÇALVES DIAS.

O' Noite, meiga irmã da poesia,
Nympa em languidas scismas balouçada,
Abre-me o seio teu, pleno de encantos !
Oh ! quero em ti fugir á dôr famelica
Que me devora o coração sem vida
E os seios de minh'alma dilacera !
Quero a fronte pendida alçar, envolta
Na fimbria immensa de teu manto tetrico !...

Debruça-se a nopália enfraquecida
Se o calix lhe bafeja o Norte adusto ;
Desmaia a vaga azul na praia curva
Como um arco indiano, quando céleres

Do favonio indolente os leves beijos
Esfrólam da laguna a nivea opala ;
Tambem meu coração se estorce e sangra
Do soffrimento entre as cruentas fragoas !

E tu, que as alvas pétalas requeimadas
Alentas com uma lagrima celeste ;
Tu, que da espuma da amorosa ondina
Fórmás na concha a preciosa pérola ;
Concede ao peito meu que a magua enlucta
Inda um momento de serenos gozos...
Um riso que meus labios illumine,
Um só lampejo de fugaz delicia !

O' fonte de illuzões, sobre teu collo
Repouza exangue o desgraçado escravo ;
Ao silencio que espalhas sobre a terra
Implora o triste bardo a estrophe rútila,
Que se expande em torrentes de harmonia !
E o pobre, em aureos sonhos, transportado,
Contempla a mésse que promette o estio
Aos filhos desditosos da miseria !

Quanto te amo, ó Noite ! A' molle queixa
Da briza que adormeces na floresta
Confundo meus tristissimos gemidos ;
A' melodia das espheras pallidas

Que as orlas de teu véo sombrio bordam,
Concerto os threnos que o soffrer me inspira ;
E a gôta amarga que me sulca as faces
Á um teu sorriso se converte em balsamo !...

Quando na estrema do horizonte infindo
Do sol se apaga o derradeiro raio ;
Quando lenta e tardia desenrolas
De teu manto real a téla plumbea ;
Quando vaes rociar a lagem tosca
Da fria sepultura com teus prantos,
O múrmúrio dos mundos emmudece
Ante tua grandeza melancolica !...

E se a filha gentil de teus amôres
Cingida de pallôr no ether brilha ;
Se a poeira dos astros scintillantes
Do Senhor do universo esmalta o sólio ;
Minh'alma desatando os terreos laços,
De vaga phantasia arrebatada,
Vae pelos raios de formosa estrella
Aninhar-se do elysio na flôr cérula !...

O' Noite, meiga irmã da poesia,
Nympha em languidas scismas balouçada,
Abre-me o seio teu, pleno de encantos !
D'esse regaço o divinal mysterio

Faz-me esquecer a angustia cruciante
De passadas vizões ! E de meu seio,
Teu morno sopro nas geladas cinzas,
Anima a esp'rança de um futuro esplendido !...

VÊM!

Venez: l'onde est si calme et le ciel est si pur!

VICTOR HUGO

Lyrio mimoso dos jardins ceruleos,
Plácido archanjo de brilhantes vestes,
Vem, Somno, e com teu sceptro fulgido
Fecha-me os olhos.

Não vês que as sombras se desdobram tétreas?
Que Eólo geme sem já ter 'um silvo?
Não vês que os genios do oceano indomito
Languidos choram?

Vem, que a fragancia dos junquinhos candidos,
Se casa ao múrmur da fugaz corrente;
Ha na folhagem das sombrias arvores
Turbida queixa.

Se ao leito foges em que róla o sceptico
Turbando a noite co'a blasphemia impia,
Tu vens da virgem deferir a supplica
Timida e pura !

E quando baixas, bello sêr noctivago,
Vertendo orvalhos, mitigando dôres,
As magnolias que se alteiam pallidas
Curvam-se n'haste.

O pobre escravo n'um languor benefico
Recobra forças para a luta insana ;
Lasso proscripto, todo o horrôr do exilio
Misero! — esquece.

A branca pomba, da doçura symbolo,
Occulta a fronte sob as niveas azas ;
E o rei das fêras nas cavernas lybicas,
Flascido tomba!...

O cafre exausto sobre a areia torrida
Busca a palmeira no Sahára erguida ;
E goza ao sopro de teu meigo halito,
Magico encanto!

Oh! mais não tardes, vem ungir-me as palpebras!
Meu ser emballa n'um doirado sonho!
Rasga o véo denso que limita o vacuo,
Mostra-me a patria!...

PESADÉLO

Á MEU PAE, O SR. JACOME DE CAMPOS

I

A toi ce dur métier,
D'empêcher que le droit ne meure tout entier ;
A toi, vers fossoyeur, de déterrer les ombres,
De secouer des morts le spectre gémissant,
De mettre au front du crime une marque de sang !

JEAN LAROCQUE.

Quando nas horas mortas da noite que se esváe
Me impallidece a face e a fronte me descáe,
Eu d'essa vastidão sem fim do mar do mundo
Colho as raras pérolas que dormem lá no fundo ;
E vêjo a luz mostrar-se a custo, fugitiva,
Por entre densas trevas a scintillar captiva.

Da velha idade ao sol... Na Grecia florescente
Cahindo o persa audaz, não vê a lava ardente
Que lavra d'esses peitos nos férvidos vulcões !
Da patria a queixa rasga os gregos corações :
Levanta-se Milciades e nas guerreiras lides
Abraça o genio másculo do integro Aristides !

Além folgava Roma em seus festins ruidosos
— Berço da impia Tullia e regios criminosos, —
E a sanha do Soberbo — rugia sob os véos
De fulgidos zimborios e lindos coruchéos:
Mas a honra de Lucrecia, por um principe ultrajada,
No sangue dos senhores por Bruto foi vingada.

N'essas montanhas invias, nos alcantis virentes,
Na limpidez dos lagos de ondulações trementes;
No seio d'esse ninho formado de mil flôres,
Onde cantam idyllios os tímidos pastores,
Eu vejo fulminadas as aguias poderosas
Que de Tell desafiaram as iras bellicosas.

No cháos da confusão harquejam parlamentos;
Trémulo de ardôr, reúne esparsos regimentos
E á frente das phalanges intrepidas, luzidas,
Vingança! — brada Cromwell ás raças opprimidas.
Com rapidez terrivel o gladio soberano
Atira ao pó a frente do placido tyranno!

E vêjo um lidador com santo enthusiasmo
Tentar roubar a Italia á seu servil marasmo;
Reatear a chamma — a chamma amortecida
Na meza do banquete, na morbidez da vida!...
Mas ai! de um féro papa, ao mando assassinado,
Rienzi o invencivel cahiu sacrificado!

Elá quando a Polonia nas garras de seus erros
S'estorce, enchendo em vão de lagrimas os cerros,
Encélado sublime, em frente ás invasões,
Destaca-se Kociusko erguendo as multidões!...
Escripta estava a sorte : devasta a Prussia a plaga,
E o esforço sobre humano a Russia fria esmaga.

A filha de Albion activa repouzava
A'quém do vasto mar, ante a mãe patria—escrava;
Quebra o patriotismo o leito em que dormia,
Ergue-se o povo heróe e a luta acaricia :
Silvando vôam balas, o echo acôrda os montes,
Livre surge a nação enchendo os horizontes !...

II

Ton souffle du chaos faisait sortir les lois ;
Ton image insultait aux dépouilles des rois,
Et, debout sur l'airain de leurs foudres guerrières,
Entretenait le ciel du bruit de tes exploits.

CASIMIR DELAVIGNE.

Salve ! oh ! salve Oitenta-e-Nove
Que os obstaculos remove !
Em que o heroismo envolve
O horrôr da maldição !

Rolam fronte laureadas,
Tombam testas corôadas
Pelo povo condemnadas
Ao grito — revolução !

Cahem velhos privilegios
D'envolta co'os sacrilegios ;
São trophéos — os sceptros regios,
Mitra, burél, e brazão !
E os tres esquivos estados
Fundem-se em laços sagrados,
Que prendem os libertados
Aos pés da revolução !

No pedestal da igualdade
Firma o povo a liberdade,
Um canto á fraternidade
Entôa a vóz da nação,
Que em delirio violento
Fita altiva o firmamento,
E adora por um momento.
A deusa — Revolução !...

Os odios secam o pranto,
A ira tem mago encanto,
E a morte sacode o manto
Lançando craneos no chão !

Aqui — são longos gemidos
D'esses que tombam feridos ;
Ouve-se além — os rugidos
Da fêra — revolução.

Treme a humana potestade
Ante tanta mortandade !
Proclama que a sociedade
Agoniza em convulsão !
Erguem-se estranhas fileiras
Vão devassar as fronteiras,
Bradando ás hostes guerreiras :
— Abaixo a revolução !

O nobre povo opprimido
Suppõem fraco e vencido ;
Medem-lhe o sangue espargido
Nas vascas da confusão.
Não sabem que é mais vehemente
Dos livres o grito ingente,
Quando rebôa fremente
Á luz da revolução !

Levanta-se hirta a phalange
E a louca marcha constrange ;
Rindo-se aguça o alphange
Tendo por guia a razão !

Ao sibilar da metralha
O obuz gemendo estraçalha,
E o vasto campo amortalha
Quem fêre a revolução!

Cobre a bandeira sagrada
A multidão lacerada,
E da França ensanguentada
Assôma Napoleão ;
Surge da borda do abysmo
O genio do christianismo,
E dos martyres o civismo
Confirma a revolução.

III

Que palmas de valor não murcha a grande historia !
O povo esquece um dia os inclytos varões..

PEDRO LUIZ.

Contempla, minha patria, sobranceira,
D'essas hostes os louros refulgentes ;
E procurando a gloria em teus altares
Entretece uma c'rôa á Tira-dentes.

Viste marchar ao exílio acorrentados
Quaes féras que teu seio regeitava,
Os mais que desprender-te o pulso tentam,
E dormiste sorrindo — sempre escrava !...

E quando retumbou no espaço um brado
Tentando sacudir-te a negra cõma,
Curvaste-te ao flagício fratricida
E dèste ao cadafalso o — Padre Roma !

E não contente, apóz a eximia aurora
De tua amesquinhada independencia,
Mais victimas votaste em holocausto
Suffocando outra nobre inconfidencia.

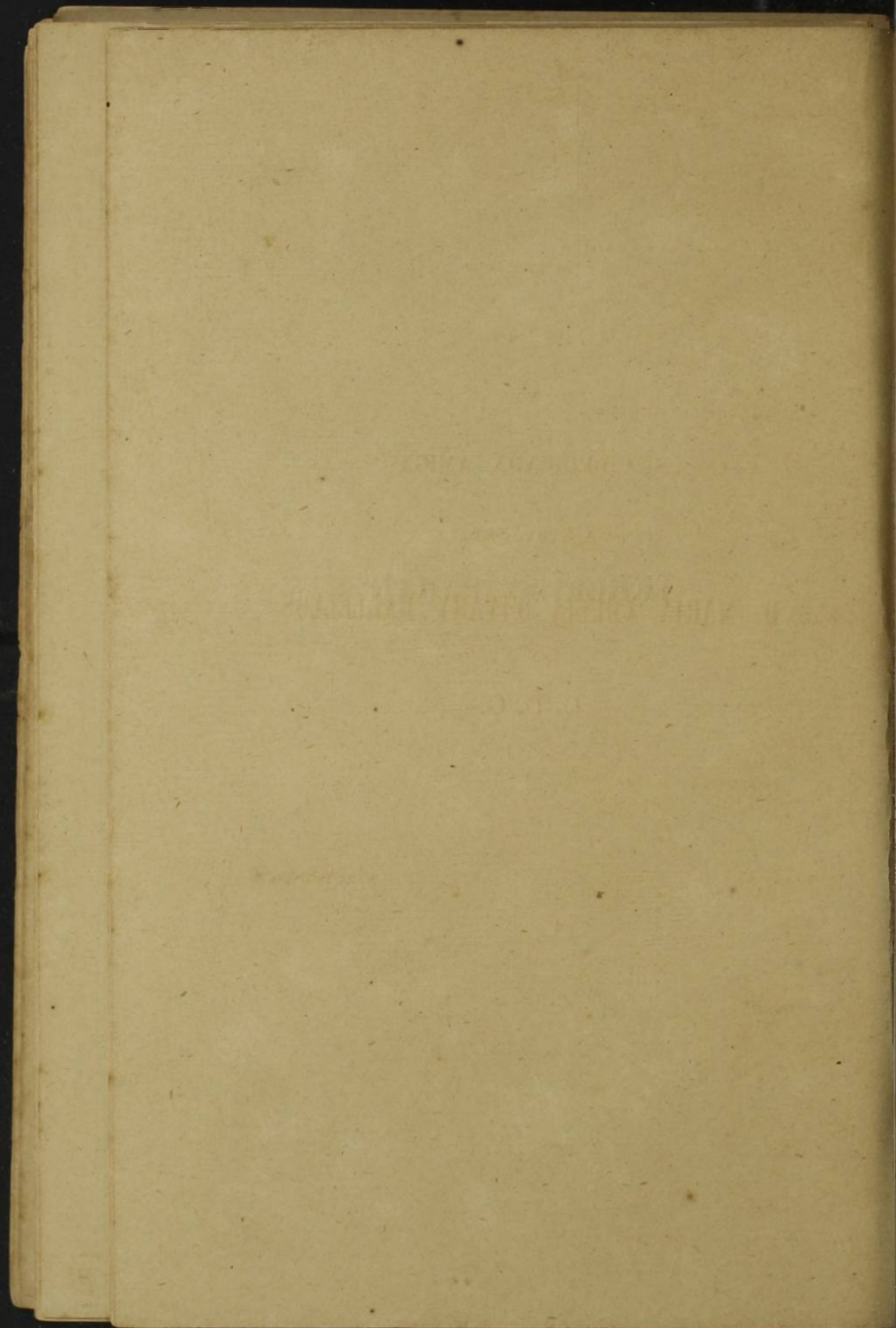
Não bastavam, porém, tantos horrores
Que ennegrecem as brumas do passado ;
Foi preciso que ás mãos de um assassino
Cahisse o grande heróe — Nunes Machado !

Foi preciso que em nome da justiça
De prisão em prisão vagando esquivo,
Acabasse afinal sem gloria e nome,
Em martyrio latente — Pedro Ivo ! ..

Mas se um dia o porvir abrir-te o livro
Que o presente te occulta temeroso ;
Se com a vista medires a estacada
Em que o falso poder se ostenta umbroso ;

Então, ó minha patria, n'um lampejo
Os erros surgirão da magestade ;
E arrojárs ao pó sceptros e thronos
Bradando ao mundo inteiro — liberdade !

TERCEIRA PARTE



À

SUA DEDICADA AMIGA

A EXMA. SRA.

D. MARIA AMELIA D'IVAHY BARCELLOS

O. D. C.

A AUTHORA.

CASEY ALICE

of the ...
...
...
...

...

...

...
...
...
...
...
...
...
...
...
...
...

...
...

CASTRO ALVES

O livro do destino se entreabre
Deixando vêr nas paginas douradas
O seu nome fulgente, glorioso.
Que as turbas admiram assombradas !

JOANNA TIBURTINA

Deos quiz ouvi-lo,
Deu-lhe um poema no céu — a Eternidade !

COSTA CARVALHO.

Porque convulsa e geme o patrio solo
Dos montes despertando os échos lugubres ?
Porque emmudece o férvido oceano
E á terra, erma da luz, chorando atira
Mil turbilhões de lagrimos amargos ?
Porque de sombras tétricas se vella
O firmamento azul ? Que magua immensa
Enlucta os corações e arranca o pranto ? !...

É que o somno final cerrára os olhos
De um filho das soidões americanas !

O sol que aviventára a chamma augusta
No peito dos titans do — Dous de Julho —
Illuminára o berço vaporoso
Do pallido cantor da liberdade !
As dulcinosas brizas lá do norte,
Ao ensaiar dos passos vascillantes,
Trasiam-lhe os queixumes, despertando
Um mundo de harmonias em su'alma !

E a dilecta creança estremecia
Sentindo em si a seiva do futuro.

Mais tarde a fronte nobre, scismadôra,
Volvia ao céu para escutar-lhe os votos
E muda, á terra, re-volvia pavida
Como o propheta que a missão sublime
Das mãos de Deos recebe ; desmaiava
Como desmaia a flôr da magnolia
Aos ardôres do estio. E radiosa
A patria contemplou-o embevecida !

Já não era a creança temerosa
Do confuso murmurio das florestas ;

Era o poeta cuja lyra d'oiro
Erguia do sepulchro o vulto ingente
Do apostolo — Pedro Ivo ; cujos threnos
Derramavam lampejos fulgurantes

De um róseo amanhecer: ora risonhos
Como as limpidas pérolas que entorna
A rorida alvorada, ora profundos
Como os cavos rugidos do Oceano !...

Estranha confusão de riso e pranto,
De luz e sombra, mocidade e morte !

Depois, cysne de amôr, deixou os lares
Demandando as campinas rociadas,
Onde echoára o brado alti-potente
De Independencia ou Morte. Alli desdenha
As tres irmãs que lhe apontavam gélidas
O porvir do poeta ; vê o genio
A marchar, a marchar no itinerario
Sem termo do existir, morto de inveja !

« E o misero de gloria em gloria corre
« Buscando a sombra de uns frondosos álamos.

« E queria viver, beber perfumes
« Na flôr sylvestre que embalsama o éther ;
« Vêr su'alma adejar pelo infinito
« Qual branca véla n'amplidão dos mares ;
« Sentia a voraz febre do talento,
« Entrevia um esplendido futuro
« Entre as benções do povo ; tinha n'alma
« De amôr ardente um universo inteiro !

« Mas uma vóz lhe respondeu sombria :
« — Terás o somno sob a lagem tosca ! »

E n'essas regiões sempre formosas
Onde acenava-lhe o fanal da sciencia,
O louco sonhador dos Tres Amôres
Colheu o fatal germen destructivel
Que minou-lhe a existencia ; quebrantado
Volveu ás plagas que deixára outr'ora
Por presentir, como unica esperanza,
Um tumulto entre os seus, no patrio ninho.

E as almejadas palmas do triumpho
Converteram-se em lousa mortuaria !

Mas... não morreste, não, condôr brasileiro
Que nunca morrerão teus puros versos !
Não, não morreste, que não morrem Goethes,
Não morrem Dantes, Lamartines, Tassos,
Garrets, Camões, Gonçalves Dias, Miltons,
Azevedos e Abreus. Teus bellos cantos
Cortarão as caligens das edades
Como de Homero os divinaes poemas !

E lá da eternidade onde repousas
Acolhe o canto meu que o pranto orvalha !...

A' A. CARLOS GOMES

(NO ALBUM DO MAESTRO)

N'harpa estalada ao dedilhar primeiro
Não acho um canto para erguer-te ao mundo !
Não ache uma aza para erguer-me a ti !

TEIXEIRA DE MELLO.

Nas ondas de applausos que rolam-te ás plantas
Mil anjos á flux,
Derramam-te n'alma delicias bem santas !
Circundam-te a fronte que altiva levantas
Corymbos de luz !

A gloria envolveu-te na faixa fulgente,
De puro esplendôr ;
No seio aqueceu-te, mostrou-te contente
A senda bordada de louro virente,
De prantos sem dôr.

O genio brilhou-te na testa inspirada
Com vivos clarões;
A patria escutou-te sorrindo enlevada;
A fama cantando na tuba doirada,
Levou-te ás nações !

E em meio de chuvas de louros, de rosas,
Surgiu — Guarany. —
E o céu recamado de auroras formosas,
As auras, as flôres, as nuvens mimosas
Sorriram-se aqui.

Avante ! E si longe da patria encontrares
Mimoso louvôr ;
Descantem teus labios á luz dos luáres,
Saudades das filhas dos patrios palmares,
Dos anjos de amôr !

VISÃO

À HELENA FISCHER

Esperança .. é o symbolo do futuro,
o caminho incessante para o saber,
para a riqueza, para o céu.

JACOME DE CAMPOS. —

Uma noite em que a febre da vigília
Escaldava-me o craneo e a phantasia,
Das regiões da luz e da harmonia
Eu vi baixar uma gentil visão ;
Tinha na fronte eburnea, em vez de pampanos,
Grinalda de virgineas tuberosas,
E trazia nas alvas mãos mimosas
O sagrado penhor da redempção.

E perguntei : — Quem és, archanjo fulgido,
Que vens illuminar-me a noite escura ?
Quem és, tu que derramas a frescura
No pudibundo calice da flôr ?...

Serás acaso a ondina theotonica
Envolta das espumas no sudario ?
Serás um raio vindo do Calvario
Para trazer-me vida e crença, e amôr?...

« Vida... Não tentes, cherubim empyrico,
Reanimar a flamma extinta hoje !
Sinto que o cirio da razão me foge
Da treva eterna no assombroso mar !
Crença... Embalde a pedi com longas lagrimas !
Embalde a clama meu soffrer profundo,
Como clamava Goethe moribundo
— Luz ! ás sombras silentes de Weimar!...

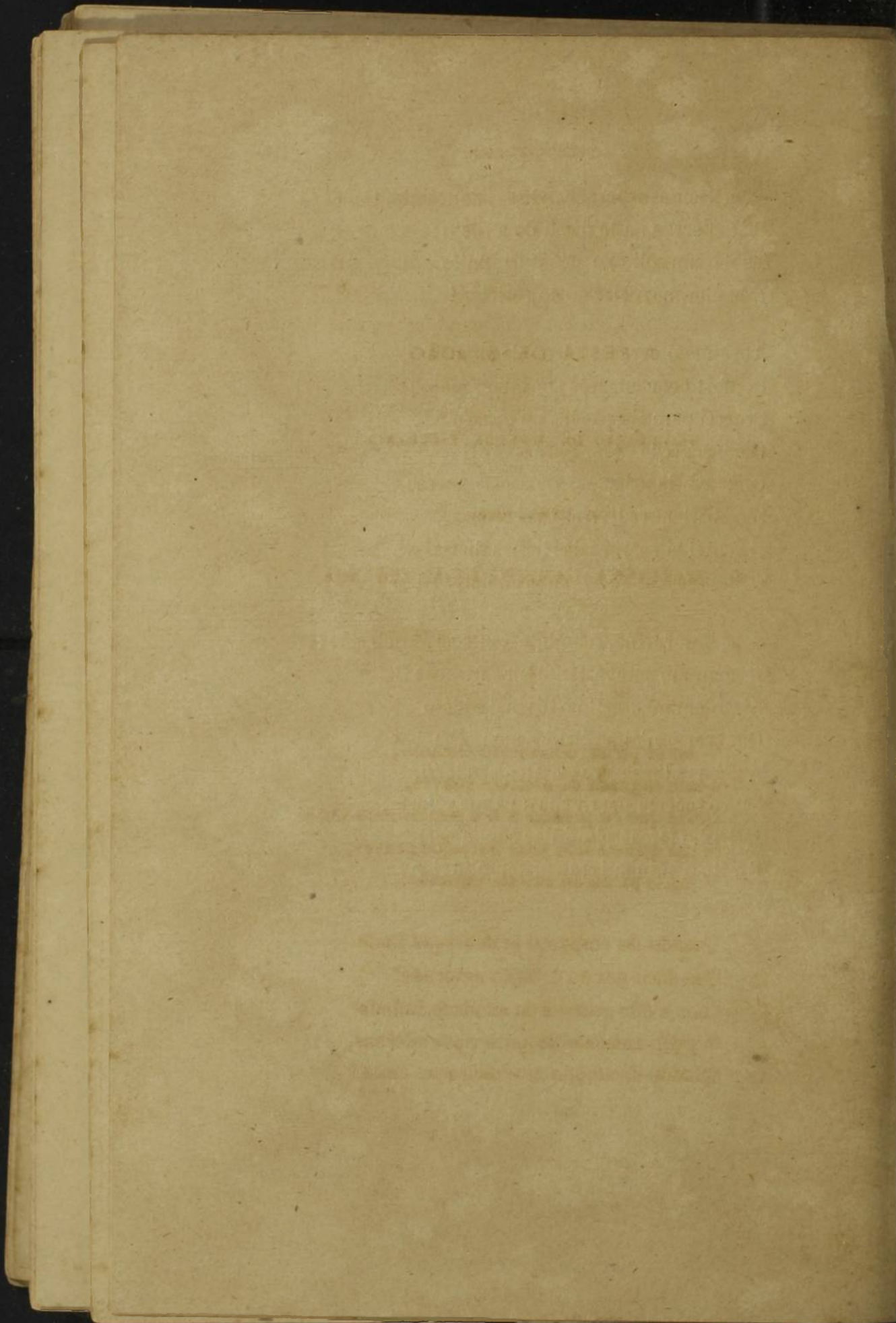
Amôr... Limpido aljofar que das palpebras
De Christo róla fecundando o sólo !
Amôr... Suave balsamo, consolo
Que implora a humanidade ao pé da cruz!...
Oh ! sim, aponta-me a miragem candida
Que mostra ao crente o paraíso aberto ;
— Estrella d'Israel, que do deserto
Aos braços da Victoria nos conduz ! ..

Mas quem és, tu que vens erguer do pélago
A aurora funeral de meu futuro ?
Falla ! Quem és, que um osculo tão puro
Depões em minha fronte de mulher ?!...

— « Sou a Esperança, disse; em minha tunica
Brilha serena a lagrima do afflicto;
Tenho um solio no seio do infinito,
E banha-me o clarão do rosiclér!

Abre-me o coração pleno de angustias,
Conforto encontrarás em meu regaço;
Crearei para ti mundos no espaço
Onde segréde amôr aura subtil!
Onde em lagos azues de areias aureas
S'emballem redivivas tuas crenças,
E á meiga sombra das lianas densas
Vibres scismando as notas do arrabil. »

— « Curvo-me, ó anjo, a teu accento placido:
Já nem me punge tanto o soffrimento!
Sinto em meu peito o divinal alento
Que verte n'alma teu ceruleo olhar!
Á meus olhos se rasga atro sendalio,
Fito o incerto porvir mais calma e forte:
Já tenho forças p'ra lutar com a sorte
E voto a minha lyra em teu altar! »



A FESTA DE S. JOÃO

RECORDAÇÃO DA FAZENDA ESPERANÇA

A' EXMA. SRA.

D. MARIANNA CANDIDA DE M. FRANÇA

I

O' noite plena de celeste encanto,
Fonte sagrada de abuzões suaves,
Deixa que eu prenda a teu sendal meu canto ;
Deixa que eu libe teus harpejos graves,
O' noite plena de celeste encanto !

Quando do empyreo te debruças linda
Que doce paz no coração entornas !
Com a flôr mimosa da saudade infinda
O peito enfermo do proscripto adornas,
Quando do empyreo te debruças linda !

De teu bafejo ao perfumoso affago
O cactus abre a virginal corolla
E a ondina paira sobre o azul do lago!
Da brisa o threno no infinito rolla
De teu bafejo ao perfumoso affago!

E tudo, tudo quanto vive ama
Bebendo as lendas que teu manto espalha;
De Venus brinca a vaporosa flamma
Com o facho humilde do casal de palha,
E tudo, tudo quanto vive ama!

Em deredor de uma fogueira ardente,
Qual tribu inquieta de phalenas loucas,
Doucejam moças sobre a gleba algente;
E o riso entreabre coralineas bocas
Em deredor de uma fogueira ardente!

No chão resvalam como orvalho d'oiro
Fatuas scentelhas recortando o espaço;
Da lorangeira o doce fructo loiro
Da luz cedendo ao languescido abraço,
No chão resvala como orvalho d'oiro!

Corre o tambor a estravagante escala
Seguindo o canto que murmura o escravo;
Negra creoula a castanhola estala,
E á voz robusta que levanta um — bravo! —
Corre o tambor a extravagante escala.

O' noite plena de celeste encanto,
Fonte sagrada de abuzões suaves,
Deixa que eu prenda a teu sendal meu canto;
Deixa que eu libe teus harpejos graves,
O' noite plena de celeste encanto !

II

Rasgou-se a faixa nocturna
Que a natureza envolvia,
E a aurora rubra derrama
Torrentes de poesia ;
Das cascatas, da floresta
Ergue-se um hymno de festa
Nas harpas da viração ;
E o sol — Vesuvio sublime —
Nos craneos vastos imprime
A lava da inspiração !

Erguendo ao Senhor hosannas
Curva-se n'ara o levita,
E a benção concede á turba
Que genuflexa palpita.
Da fé, á chamma divina,
Cada cabeça s'inclina
Banhada de etherea luz ;
De cada labio rubente
A prece vòa fervente
Ungindo o pedal da cruz !

A creancinha dilecta
Rindo recebe o baptismo
E isenta de culpas, entra
No templo do christianismo!
A celeste uncção é gladio
Que vence o crime, palladio
A heresia infernal;
Abate as seitas erguidas
E leva as almas rendidas
Á patria celestial!

Sim! quando em berço d'infante
— Ninho de crenças mimosas —
Onde o amor brota em ondas
Onde rebentam mil rosas,
Resvala a gôta sagrada
Que verte na fronte amada
A luz das constellações,
O povo abraça a esperança
E a Deus eleva a creança
Nas azas das saudações!...

Por isso da célia estancia
N'um raio de caridade
Á terra baixou radioso
O anjo da liberdade;
Que á fortes pulsos escuros
Unindo seus labios puros

Partiu um grilhão atróz ;
E de infelizes escravos
Fez talvez dez homens bravos,
Talvez dez outros heróes!

Oh! bemdicta a mão feminea
Que o empyreo entreabre ao precito,
Que ao cégo aponta um caminho,
E á patria leva o proscripto!...
Oh! bemdicta a mãe formosa
Que olhando o filho, ditosa,
Manda o cadaver viver!
A oração do liberto
Subindo no vento incerto
Faz o céu graças chover!

.

III

É noite, é noite de magia e enleio !
Buscando asylo em palpitante seio
 Vôa o póllen da flôr !
Do ar sereno as vibrações eolias
Perfumam-se nas alvas magnolias,
 Que languescem de amor !

Da sala festival pelas janellas
Celeres rolam catadupas bellas
 De fulgidos clarões ;
Venus surpresa, da azulada esphera,
Um raio de languor verte severa
 Por entre as cerrações.

Os perfumes subtis causam vertigens ;
Transborda de fulgôr o olhar das virgens,
 Da madona ideal ;
Como a planta a boiar sobre a corrente,
Adeja do mancebo o sonho ardente
 N'um collo de vestal !

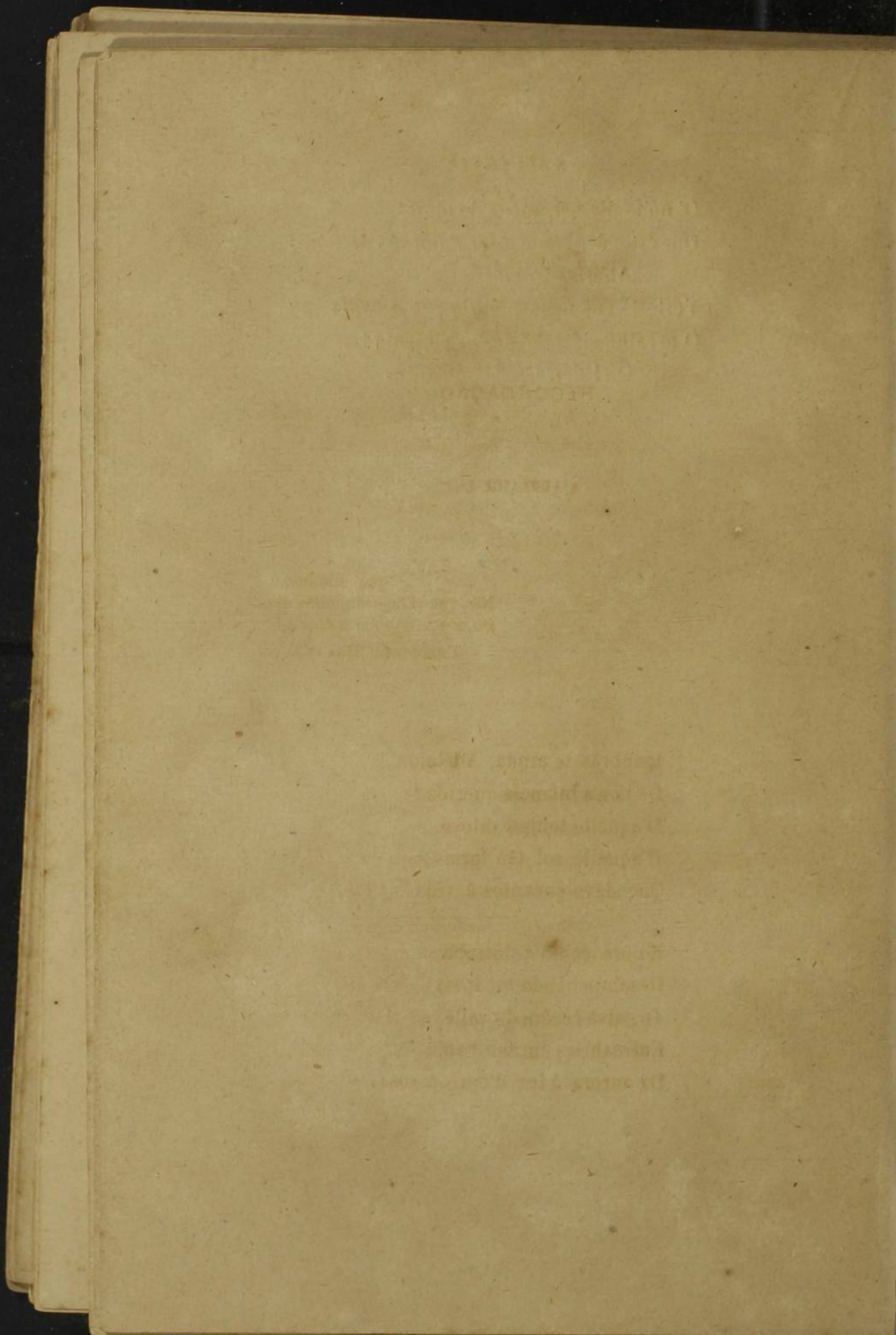
E cada riso anima uma esperança !
Aos sons da tentadora contradança
 Olvida-se o soffrer...
O halito da bella o ar arôma,
E o rubor que na face nivea assoma
 Trahe intimo prazer.

Dos labios de uma loura formosura
Enchendo o espaço de harmonia pura
 Desata-se a canção ;
P'ra ouvir-lhe a falla maviosa, a lua
Que no páramo intérmio fluctua
 Penetra no salão !...

Canta, canta formosa peregrina
Que a tua merencoria cavatina
 Acalma anceios meus !
O mundo é vario, perfido oceano...
Quándo o deixares, cysne soberano,
 Gorgeiarás nos céos !

O turbilhão da walsa o moço arrasta,
E á tez rubente da donzella engasta
 A baga de suor...
Só eu meio á turba que doudeja
Sou como a Sphynge que o Athbára beija
 Sem vida... sem calôr...

O' noite divinal, plena de olôres,
Que estendes sobre a terra um véo de flôres
Abertas ao luar,
Verteste em meu sombrio pensamento
O orvalho sideral do esquecimento !
Oh ! deixa-me te amar !...



RECORDAÇÃO

À ADELAIDE LUZ

. que distancia
Não vae d'hoje aquelles dias
De nossa risonha infanc'a !

THEOPHILO BRAGA.

Lembras-te ainda, Adelaide,
De nossa infancia querida ?
D'aquelle tempo ditoso,
D'aquelle sol tão formoso
Que dava encantos á vida ?

Eu era como a flôrinha
Desabrochando medrosa ;
Tu, alva cecêm do valle,
Entreabrias em teu caule
Da aurora á luz d'ouro e rosa.

Nosso céu não tinha nuvens:
Nem uma aurora fulgia,
Nem uma ondina rolava,
Nem uma aragem passava
Que não desse uma alegria!

Tu me contavas teus sonhos
De pureza immaculada;
Effluvios de poesia,
Threnos de maga harmonia...
Eras sibylla inspirada!...

E á nossos sêres replectos
D'esse amôr que não fenece,
Como sorria a existencia!
Quanto voto de innocencia
Levava ao céu nossa prece!

Hoje que apenas scintilla
Ao longe a estrella da vida,
Venho triste recordar-te
Esse passado, abraçar-te,
Minh'Adelaide querida!

O SACERDOTE

AO REVM. SR. VIGARIO

FELIPPE JOSE CORRÊA DE MELLO

C'est un ange venu sur la terre où nous sommes,
C'est l'homme presque Dieu consolant d'autres hommes.

GUIRAUD

Ente sagrado que sereno calcas
Os bravos cardos do terreno hôrto,
Erguendo os fracos que chorando prostram-se,
Entre a miseria a derramar confôrto ;
Dizei, que archanjo te sustenta, occulto,
Do mundo falso sobre as crús paixões ?
Quem deu-te a crença que a sorrir espalhas
As multidões ?

Quem deu-te aos olhos a celeste flamma
Que alenta a vida, e purifica a alma,
E o labio ungio-te do mellifluo verbo
Que tanta ardencia, tanta sêde acalma ?...

Symbolo do Christo, tu entornas balsamos
Do peito afflicto sobre o chão revél...
Quanta nobreza não disfarça aváro
Negro burél ! ?

Teu doc, imperio se revela eximio
Onde do despota o poder fallece,
Ao céu teu ser em sacrificio sobe
Nas brancas azas da singella préce.
Banha-se o crente, á teu suave accento,
Nas ondas loiras da caudal da fé ;
Cahem por terra mil erroneas seitas
Hontem de pé !

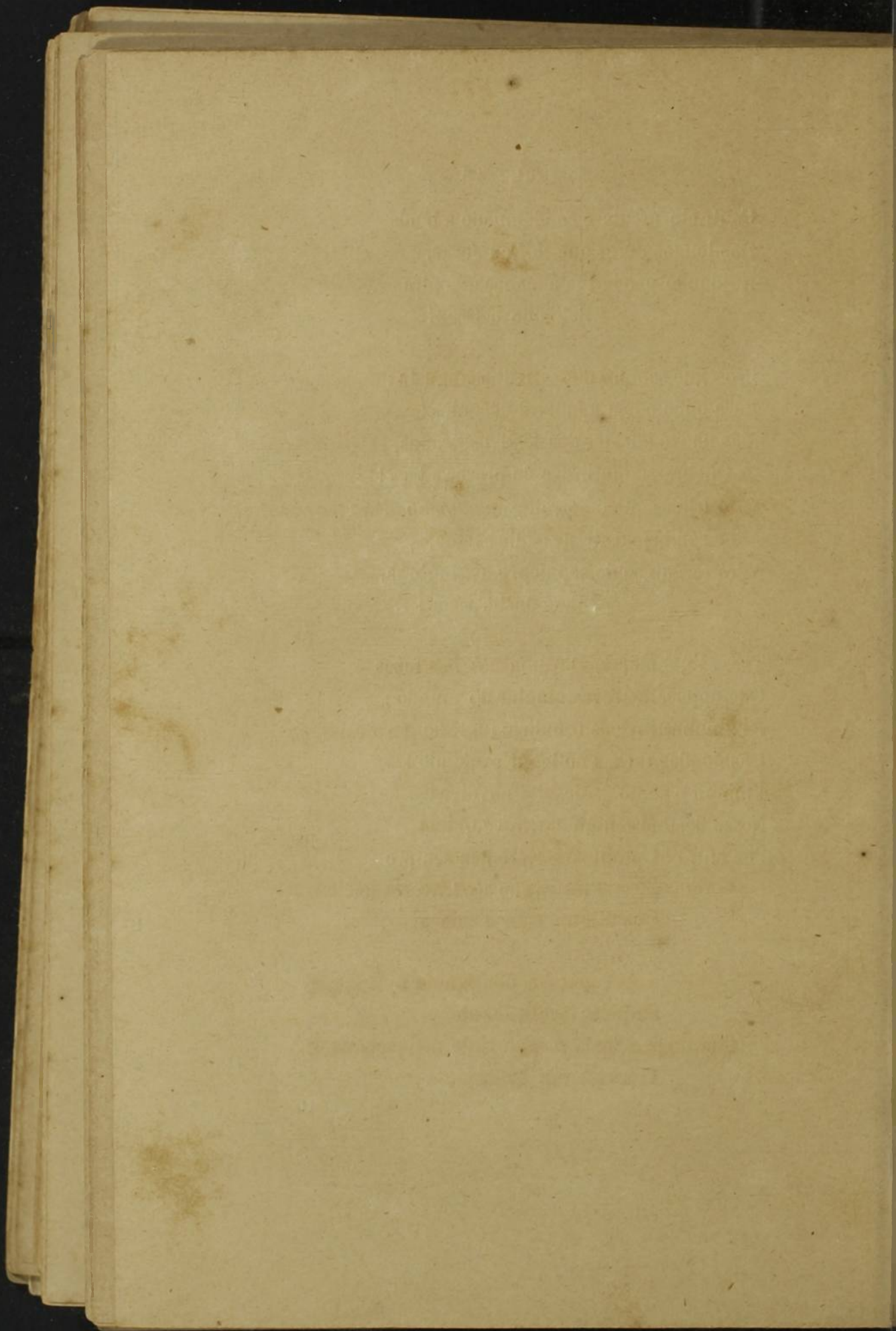
O braço inerte protector estendes
Da virgem pura á candidez sublime,
Emquanto ao seio piedoso apertas
O réo, remido do negror do crime !
Após teus passos vão seguindo as benções
Do pobre enfermo que estendeu-te a mão ;
Ao impio mesmo que blasfema, atiras
Doce perdão !

E quando exausto, para o vil patibulo,
Caminha um homem que a justiça esmaga,
Sustendo a fronte que o terror desvaira
Além lhe mostras a sideria plaga :

Contracto escuta o condemnado a lenda
Das longas dôres que soffreu Jesus,
E quando pende-lhe a cabeça, expira
Beijando a Cruz!

Prosegue sempre n'essa trilha augusta;
Pára onde adeja a funeral desgraça!
Mas não te affastes dos festivos grupos,
— Quebra-se em breve do prazer a taça!
Se o frio sceptico ao rolar no abysmo
Fitar sombrio os tristes olhos teus,
Vêrá rasgar-se do sepulchro as sombras,
Julgar-te-ha Deus!...

Taes são, ó martyr de uma idéa, as luzes
Que oppões á treva tumular do mundo;
Ai! nunca invejes o bulicio inglorio
Das doudas turbas no labôr profundo!
Embóra o genio da desdita envolva
Nosso destino em funerario véo,
Por entre os prantos te vêremos sempre
Proximo ao céu!...



AMOR DE VIOLETA

As violetas são os serenos pensamentos.
que o mysterio e a solidão despertam na
alma verdejante da esplendida primavera.

LUIZ GUIMARAES JUNIOR.

Esquiva aos labios lúbricos
Da louca borboleta,
Na sombra da campina olente, formosissima
Vivia a violeta.

Mas uma virgem candida
Um dia ante ella passa,
E vai colher mais longe uma faceira hortencia
Que á loira trança enlaça.

« Ai ! geme a flôr ignota :
Se pela côr brilhante
Que tinge a linda rosa, a tinta melancolica
Trocasse um só instante ;

Como sentíra, ébria
De amôr, de mago enleio,
Do coração virgineo as pulsações precípites,
Unida ao casto seio ! »

Doudeja a creança pallida
Na relva perfumosa,
E a meiga violeta ao pé mimoso e célere
Esmaga caprichosa.

Curvando a fronte exanime
Soluça a flôr singela :
« Ah ! como sou feliz ! Perfumo a planta eburnea
Da minha virgem bella !... »

O AFRICANO E O POETA

AO DR. CELSO DE MAGALHÃES

Les esclaves. Est-ce qu'ils ont des dieux ?
Est-ce qu'ils ont des fils, eux qui n'ont point d'aïeux ?

LAMARTINE

No canto tristonho
De pobre captivo
Que elevo furtivo,
Da lua ao clarão;
Na lagrima ardente
Que escalda-me o rosto,
De immenso desgosto
Silente expressão ;

Quem pensa ? — O poeta
Que os carmes sentidos
Concerta aos gemidos
De seu coração.

— Deixei bem creança
Meu patrio vallado,
Meu ninho emballado
Da Lybia no ardôr;
Mas esta saudade
Que em tumido anceo
Lacera-me o seio
Sulcado de dôr,

Quem sente? — O poeta
Que o elysio descerra;
Que vive na terra
De mystico amôr !

— Roubaram-me féros
Á férvidos braços;
Em rigidos laços
Sulquei vasto mar;
Mas este queixume
Do triste mendigo,
Sem pae, sem abrigo,
Quem quer escutar?...

— Quem quer? O poeta
Que os terreos mysterios
Aos paços sederios
Deseja elevar.

— Mais tarde entre as brenhas
Reguei mil ceáras
Co'as bagas amáras

Do pranto revél ;
Das mattas cahiram
Cem troncos, mil galhos ;
Mas esses trabalhos
Do braço novél,

Quem vê ? — O poeta
Que expira em harpejos
Aos lugubres beijos
Da fome cruél !

— Depois, o castigo
Cruento, maldicto,
Cahiu no proscripto
Que o simun crestou ;
Coberto de chagas,
Sem lár, sem amigos,
Só tendo inimigos...
Quem ha como eu sou ?!...

— Quem ha ?.. O poeta
Que a chamma divina
Que o orbe illumina
Na fronte encerrou !...

— Meu Deos ! ao precíto
Sem crenças na vida,
Sem patria querida,
Só resta tombar !
Mas... quem uma prece
Na campa do escravo

Que outr'ora foi bravo
Triste ha de rezar ?!...

— Quem ha de ?... O poeta
Que a lousa obscura,
Com lagrima pura
Vae sempre orvalhar !?

SADNESS

Still visit thus my nights, for you reserved,
And mount my soaring soul to thoughts like yours.

JAMES THOMSON.

Meu anjo inspiradôr não tem nas faces
As tintas coralineas da manhã ;
Nem tem nos labios as canções vivaces
Da cabocla pagã !

Não lhe peza na fronte deslumbrante
Corôa de esplendôr e maravilhas,
Nem rouba ao nevoeiro fluctuante
As nitidas mantilhas.

Meu anjo inspirador é frio e triste
Como o sol que enrubésce o céu polar !
Trahe-lhe o semblante pallido — do anthiste
O acerbo meditar !

Traz na cabeça estemma de saudades,
Tem no languido olhar a morbidezza ;
Veste a clamyde eril das tempestades,
E chama-se — Tristeza !...

O BAILE

Esta fingida alegria,
Esta ventura que mente,
Que será d'ellas ao romper do dia?..

GONÇALVES DIAS.

A noite desce lenta e cheia de magia ;
A multidão febril do templo da alegria,
 Invade as vastas salas.
O marmore, o crystal, a seda e os esplendores,
Do manacá despertam os magicos olôres,
 A languidez das fallas.

Ao rutilar das luzes as dhalias desfallecem...
Roçando o pó as vestes das virgens s'ennegrecem,
 Enturva-se a brancura...
O ar vascilla tépido... a musica divina
Semelha o suspirar de uma harpa peregrina...
 É a hora da loucura!

Pela janella aberta por onde o baile entorna
No éther transparente a vaga tibia e mórna
Do halito ruidoso,
Da vida as amarguras espreitam convulsivas
O leve esvoaçar das phrazes fugitivas...
O estremecer do gôzo !...

E tudo se inebria : o lampejar de um riso
Acende n'alma a luz gentil do paraizo,
Arranca a jura ardente !
E maripoza incauta, em subita vertigem,
Arroja-se a mulher crestando o seio virgem
Na pyra encandescente !

Aqui, na nitidez de um collo a cõma escura
S'espraia em mil anneis, enlaça a fronte pura
Aureola de rosas ;
Da walsa ao giro insano, volita pelo espaço
Do cinto estreito, aerio, o delicado laço,
As gazes vaporosas.

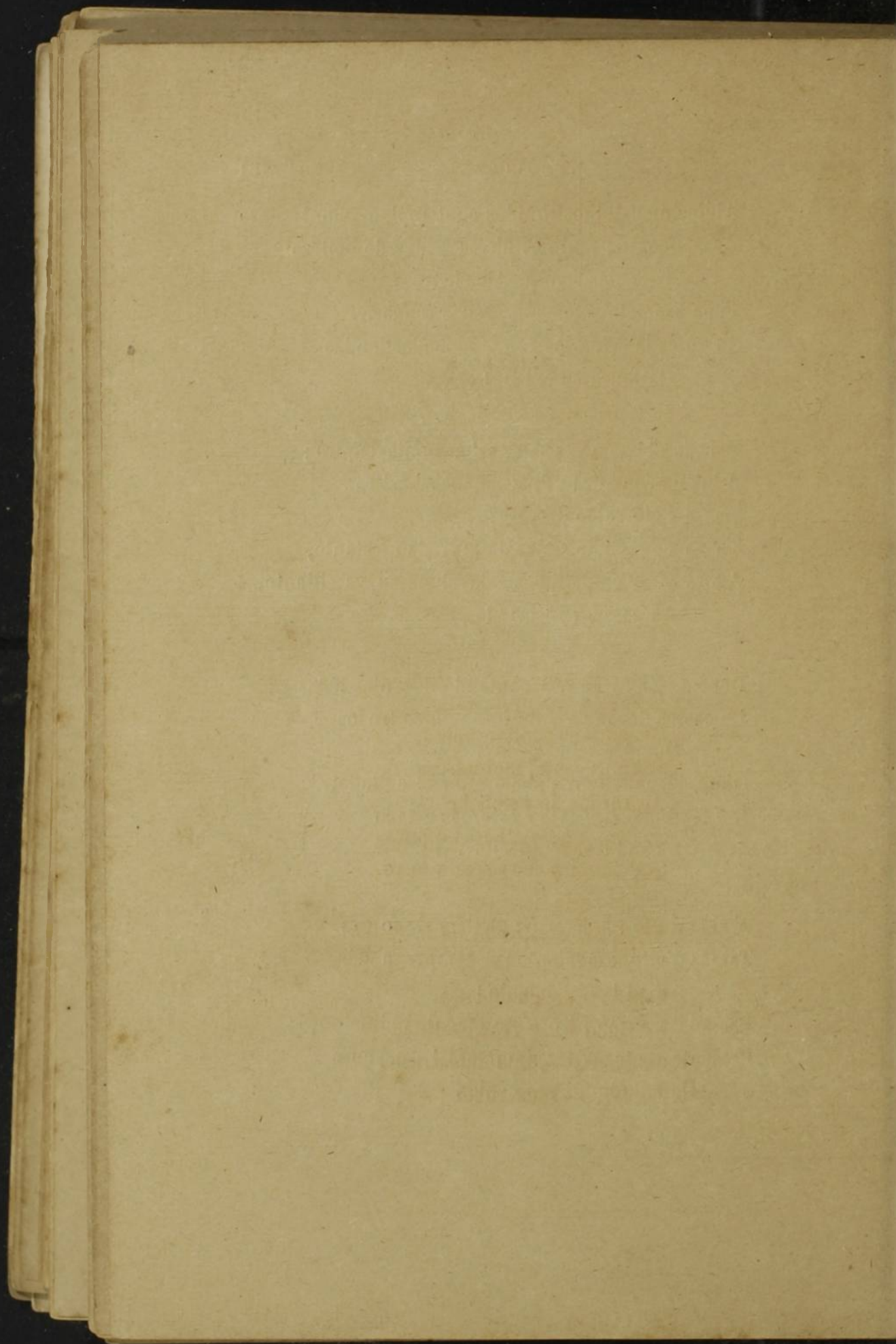
Alli, na meiga sombra indifferente a tudo,
Immerso em doce scisma um collo de velludo
Ondula deslumbrante :
Que fogo occulto, ignoto, em suas fibras vaza
Vivido ardôr que faz tremer-lhe a nivea aza
De garça agonisante ? !...

Além, meus olhos tímidos contemplam com tristeza
As pennas da mulher, d'essa — ave de beleza —
 Calcadas sem piedade !...
Esparsas pelo sólo as laceradas rendas...
As flôres já sem viço... abandonadas lendas
 Da louca mocidade !

A festa chega ao termo ; a harmonia expira ;
A luz na convulsão final langue se estira
 Pelo salão deserto ;
Ha pouco — o doudejar da multidão festante,
Agora — o empallidecer da chamma vascillante,
 Ao rosiclér incerto !

Depois — a razão fria contando instantes lêdos
De castos devaneios, de juramentos tredos
 Ouidos sem receio...
N'um corpo languescido o espirito agitado...
E a febre da vigilia ao doloroso estado
 Ligando vago anceio...

A vida é isto : hoje cruel grilhão de ferro ;
Talvez d'ouro amanhã, mas sempre a dôr, o erro,
 Aniquilando o genio !
Passado — aureo frizo n'um mar de indiferença ;
Presente — eterna farça universal, suspensa
 Do mundo no proscenio !



FANTASIA

A' BRANDINA MAIA

A emanation it is of rainbow :
— All beauty and peace...

BYRON.

É bella a cecem do valle
Quando desponha mimosa,
Sobre o caule, melindrosa,
Ao rutilar do arrebol ;
Quando a gôta ethérea e pura
Que chora o céu sobre a terra,
O lindo seio descerra
Aos frouxos raios do sol.

É bella a meiga creança
Sorrindo á luz da existencia,
Co'a alma — toda innocencia,
E a face — toda rubôr !

Os roseos labios ungidos
Por mil accentos — suaves
Como o gorgueio das aves,
Como um suspiro de amôr!...

Des'brocha o lyrio, mais alvo
Que o tenue flóco de neve;
A víração fresca e leve
Lhe oscúla as pétalas—feliz;
Ternos carmes lhe murmura
A namorada corrente,
Que se deriva indolente
Por sobre o flóreo tapiz.

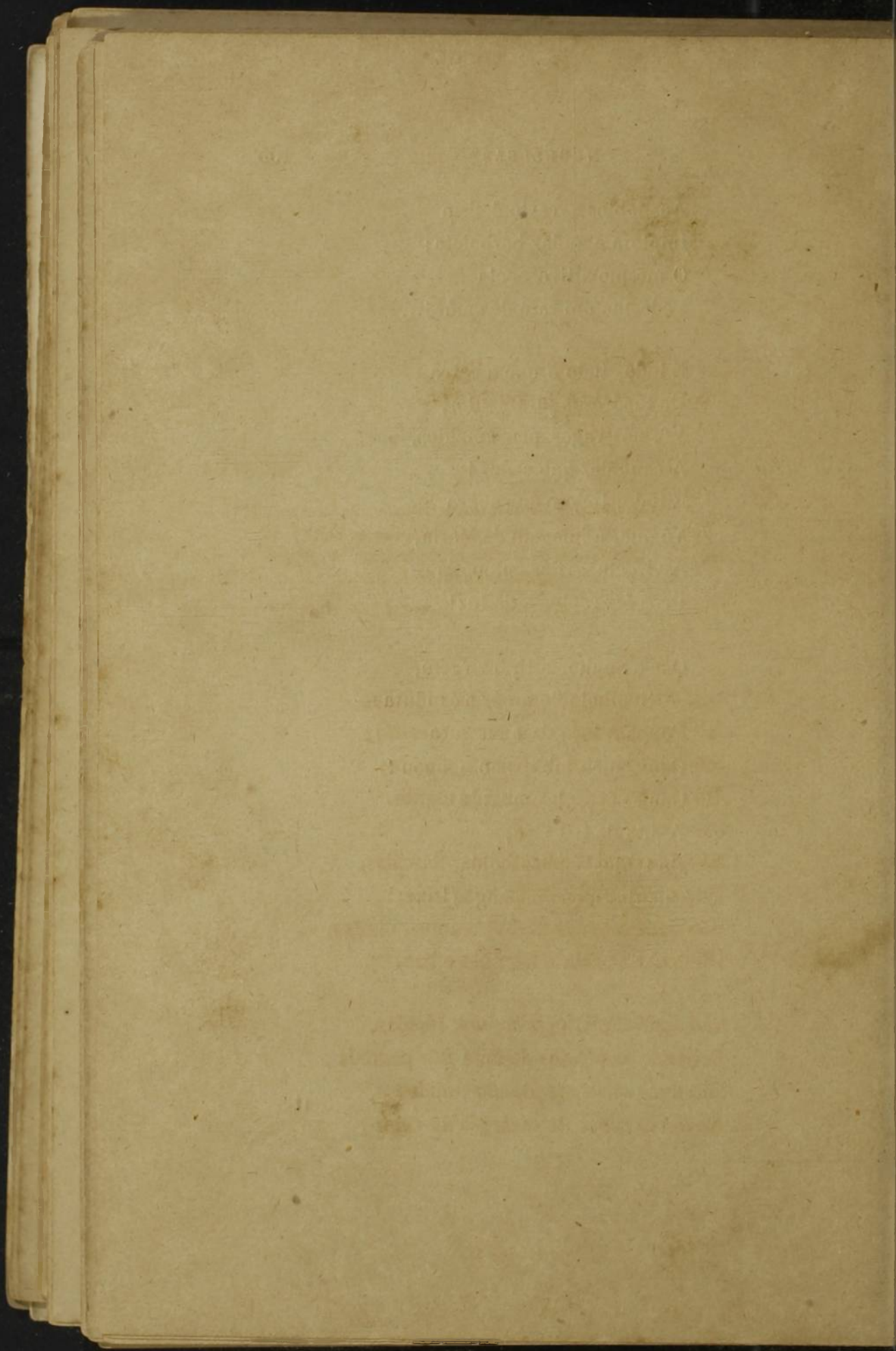
Assim a virgem formosa
Torna-se mais seductora,
Quando a poesia enflóra
Sua beldade ideal!
Quando no brilho fulgente
Dos olhos vividos, bellôs,
Su'alma ardente de anhellos
Mostra candôr divinal!

Então, se a fita a miseria
Sente no seio a esperança;
A um seu sorriso a creança
Ligeira tenta sorrir;

Aos labios — casto delirio
Implora a audaz borboleta;
O mesmo altivo poeta
Pede-lhe um raio de amôr !...

E tudo, tudo o que a cerca
De medrosos juramentos,
Vê, nos vagos pensamentos,
A candidez que seduz !
E tudo, tudo o que soffre
Vê que, á imagem de Maria,
A virgem — flôr de poesia —
Deos fez repleta de luz !

Que o Senhor a ti, ó virgem,
— Symbolo de amôr e candura —
Poupe a taça da amargura
Que a meu labio não poupou !
Que se desdobre nitente
A fita de tua vida,
De tantos sonhos tecida
Quanto o céu me negou !



JULIA E AUGUSTA

Quanto ha no mundo de illusões fagueiras,
De perfume e de amor, guardam no peito ;
Quanto ha de luz no céu mostram nos olhos,
Quanto ha de bello na alma.

GONÇALVES DIAS.

São duas rosas se expandindo rúbidas
No brando caule com suave encanto ;
São duas nuvens deslizando túmidas
Do campo aerio no azulado manto.

São duas ondas marulhosas, flascidas,
Que o tibio sopro do favonio friza ;
São duas conchas deslumbrantes, nitidas,
Do mar na praia refulgente e liza.

São duas auras, perfumosas, tépidas,
Beijando as pétalas de uma flôr pendida ;
São duas rôlas resvalando timidas
No dorso curvo do escarcéo da vida.

Duas auroras resurgindo limpidas
Por entre as trevas que a tormenta encerra ;
Graças libradas sobre o espaço, fulgidas,
A cuja sombra se conchega a terra !

Uma — os rutillos das pupilas vividas
Véla nos prantos de gazil ternura ;
Na côr mimosa da Moema indigena
Concentra o ardôr da tropical natura !

Outra, revella nos olhares languidos
Toda a pureza da celeste estancia ;
Á tez formada de açucenas humidas
Rouba o outomno a festival fragancia !

Ambas — cingidas de virginia auréola
Firmes caminham na escabrosa trilha !
Feliz d'aquelle que sorvesse em osculos
O affecto immenso que em seus olhos brilha

NOCTURNO

Oh ! quelle joie dans la fraîcheur de cette belle
nuit d'été ! Comme on sent dans le calme ici tout
ce qui rend l'âme heureuse !

GOETHE.

Languesce a calma ardente :
Nos ares, levemente,
Desdobra-se tremente
Da noite a côma escura ;
Do zéphyro o adejo
Envolve em longo beijo
O symbolo do pejo,
— A rosa da espessura.

A lympa marulhosa
Dolente, languorosa,
Estende-se chorosa
N'um leito de luar ;

Além um canto sôa,
Por sobre a espuma vôa
Ligeira, uma canoa
Cortando o azul do mar.

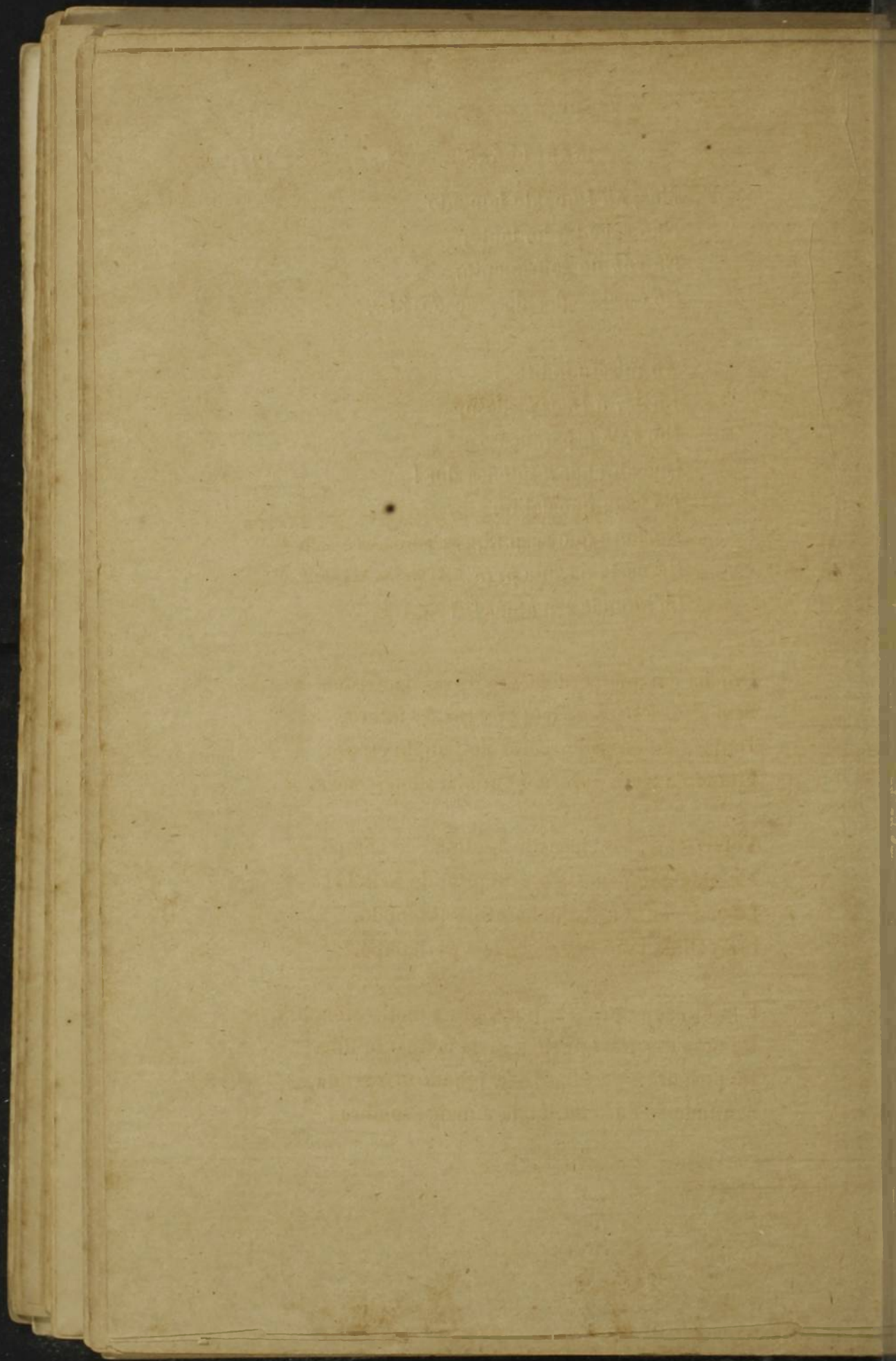
Do espaço eis a princeza :
Na gélida belleza
Que doce morbidez,
Que angustia calma e funda !
E cada flôr nevada
Que dobra-se crestada
Na haste recurvada,
Co'a branca luz inunda !

Planetas fulgurantes
Se vélam, por instantes,
Nas rendas fluctuantes
Das nuvens de algodão ;
Sacóde a noite o manto,
Na terra chove pranto...
Que vaporoso encanto
Embala a criação !...

O elysio tem fulgôres,
A terra orvalho, flôres,
E mysticos amôres
Que vélam descuidados ;

Mas, ah ! quanto lamento
Não sobe tardo, lento,
Na vóz do soffrimento,
No — ai — dos desgraçados ?!...

Ao misero inditoso
Envia, ó Deos piedoso,
Um raio esperançoso
Que abrande a intensa dôr !
Na vaga que delira,
No euro que suspira,
Na casta e santa pyra
Lh'infunde teu amôr !...



A ROSA

Que impia mão te ceifou no ardôr da sesta
Rosa de amôr, rosa purpurea e bella ?

ALMEIDA GARRET.

Um dia em que perdida nas trevas da existencia
Sem risos festivaes, sem crenças de futuro,
Tentava do passado entrar no templo escuro,
Fitando a tôrva aurora de minha adolescencia.

Volvi meu passo incerto á solidão do campo,
Lá onde não penetra o estrepitar do mundo ;
Lá onde doira a luz o barathro profundo,
E a pallida lanterna accende o pyrilampo.

E vi airosa erguer-se, por sobre a molle alfombra,
De uma roseira agreste a mais brilhante filha !
De purpura e perfumes — a ignota maravilha,
Sentindo-se formosa, fugia á meiga sombra !

Ai, louca ! Procurando o sol que abraza tudo
Gazil se desatava á beira do caminho ;
E o sol, ébrio de amor, no férvido carinho
Crestava-lhe o matiz do collo de velludo !

A flôr dizia exausta á viração perdida :
« Ah ! minha doce amiga abranda o ardor do raio !
Não vês ? Joven e bella eu sinto que desmaio
E em breve rolarei no sólo já sem vida !

« Ao casto peito uni a abelha em mil delirios
Sedenta de esplendor, vaidosa de meu brilho ;
E agora em balde invejo o viço do junquillo,
E agora em balde imploro a candidez dos lyrios !

« Só me resta morrer ! Ditosa a borboleta
Que agita as aureas azas e paira sobre a fonte ;
Na onda perfumosa embebe a linda fronte
E goza almo frescôr na balsa predilecta ! »

E a viração passou. E a flôr abandonada
Ao sol tentou vellar a face amortecida ;
Mas do calix gentil a pétala ressequida
Sobre a espiral de olôres rolou no pó da estrada !

Assim da juventude se rasga o flóreo véo
E do talento a estatua no pedestal vascilla ;
Assim da mente esváe-se a idéa que scintilla
E apenas resta ao crente — estremo asylo — o céu !

AVE-MARIA

SOBRE UMA PAGINA DE LAMARTINE

Ma l'aere inbruna, e il bronzo della séra
C'invita alla prèghiera.

IL GUARANY.

O rei do dia vascillante, incerto,
Abandona seu carro de victoria,
E reclinado em rúbida alcatifa
Adormece no thalamo da gloria !
A cortina de nuvens cambiantes
Guarda o róseo vestigio de seus passos ;
Á immensidão em luz a terra em sombra,
Prendem milhares de purpureos laços !

Como esplendida lampada de ouro
Do crepusculo suspensa á fronte núa,
Ondúla lá na fimbria do horizonte
De pallôr ideal cingida — a lúa !

A catadupa flascida dos raios,
Repouza somnolenta sobre a relva,
E o negro véo que cahe sobre a campina
Mais densa torna a negridão da selva !

A natureza envolve-se n'esta hora
Em faixas sideraes de poesia,
Vendo sumir-se o resplendor divino,
Vendo cahir da noite a lousa fria !
E murmurando a colossal estrophe
De um poêma de célica linguagem,
Ao Creador que o sol formou da treva
Offerece a magnifica homenagem !

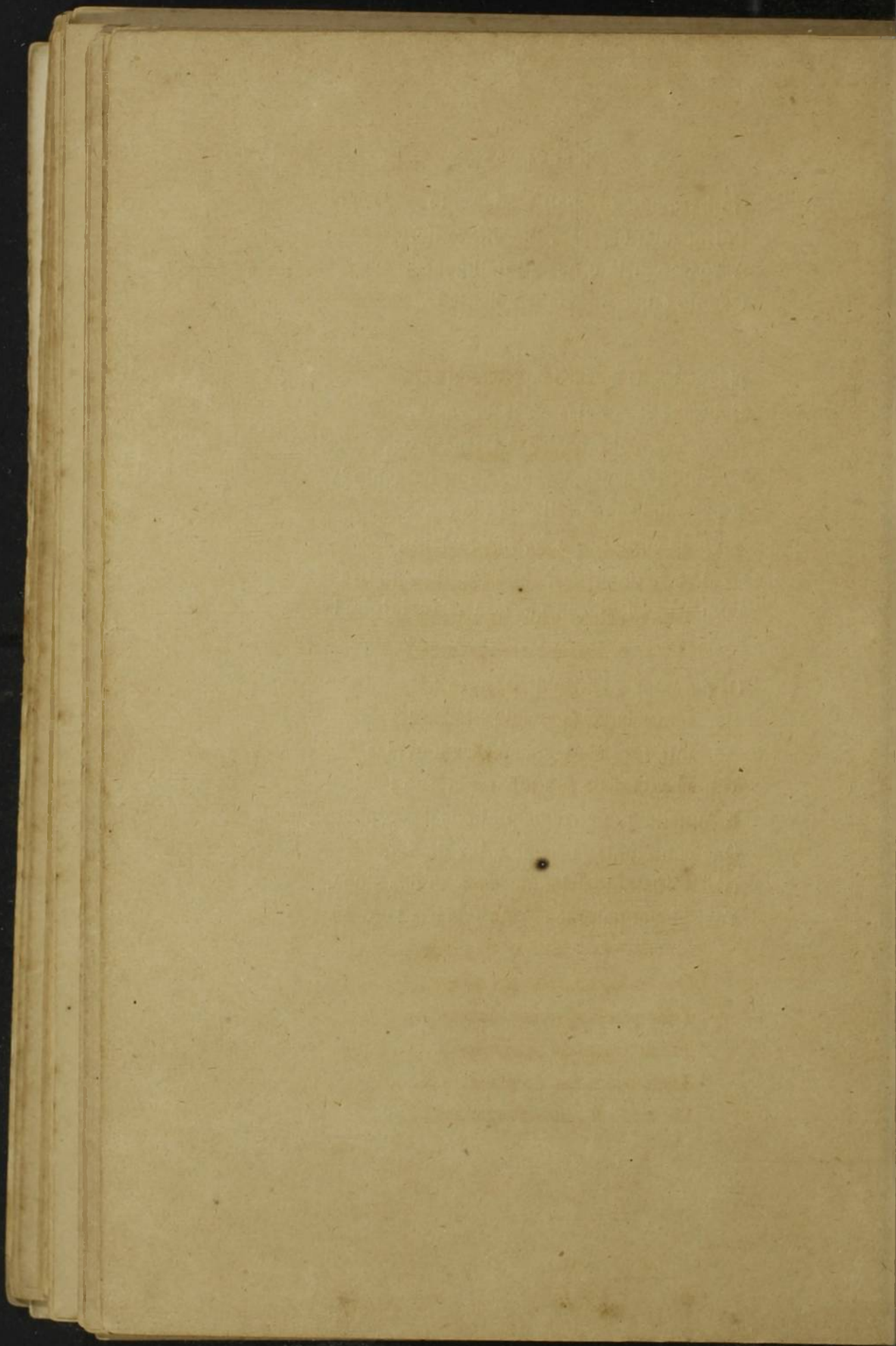
Eis o immenso holocausto do universo
Da terra a vastidão tendo por — ara !
Por docel — a saphyra do infinito !
Por cirio — os mundos que o Senhor aclara !...
Os flocos purpurinos que vagueiam
Na planicie do ar, do poente á aurora,
São columnas de incenso que embalsamam
Os pés do Deos que a natureza adóra !...

Porém é mudo o gigantesco templo !
Do céu é mudo o manto peregrino !
D'onde rebenta o celestial concerto ?
D'onde se eleva o sacrosanto hymno ?

No harmonico remanso só escuto
Pulsar meu coração, óra offegante...
A vóz augusta é nossa intelligencia
Que no éther fluctua irradiante !...

Nos rubôres da tarde que agoniza,
Sobre as azas balsamicas do vento,
Nosso sêr, sobranceiro á terrea urna,
— Subtil essencia — sobe ao firmamento !
E prestando uma falla a cada ente,
Trépido efflúvio a cada flôr rasteira,
— Ave de amôr — para a serena supplica
Com seus thrinos desperta a terra inteira !

Os páramos silentes do deserto
Parecem escutar a voz do Eterno !
As multidões constrictas buscam ávidas
Um só fulgôr de seu olhar paterno !
E Aquelle que ouve os psalmos das espheras,
Que contempla perenne a luz do dia,
N'este instante solemne, ao som dos sinos,
Faz subir uma prece — Ave-Maria ! —



OS DOUS TROPHÉOS

VICTOR HUGO

Tem visto, ó povo, esta época
Teus trabalhos sobrehumanos,
Viu-te altivo ante os tyrannos
Calcar a Europa assombrada ;
Creando thronos herculeos,
Despedaçando aureos sceptros,
Das corôas — vis spectros —
Mostraste o potente nada !

Em cada passo titanico
Semeavas mil idéas ;
Marchavas : iam-se as pêas
Que o torvo orbe prendiam ;
Tuas phalanges incólumes
Eram vagas do progresso :
Transbordadas de arremesso
De cimo á cimo s'erguiam !

Vias a deosa da gloria
Cingir-te a fronte de louros ;
Derramavam-se thezouros
De luz, por onde passavas !
E a Revolução flammivoma
Arremessava á Allemanha
Danton ; a quem, sobre a Espanha
Com Voltaire triumphavas !

Como ante os filhos da Héliade,
Curvou-se o mundo aos Francezes ;
Soberbo em frente aos revezes,
O crime cahiu-te ás plantas !
As trevas da idade média,
A pyra do Santo-Officio,
O inferno, o erro, e o vicio,
Com um lampejo quebrantas !

De teus esplendores, limpidos
Estava a terra juncada ;
Fugia a noite assustada
Ao reboar de teus passos !
Emquanto a senda estellifera
Trilhavas, ébrio de crenças,
Da historia as folhas immensas
Prendiam-te entre seus laços !...

●
Cem vezes pairando impavido
Nos campos que o sol descerra,
Curvaste a face da terra
A um teu aceno arrogante ;
Do Tejo, do Elba a victoria
Ao Nilo, ao Ad'je corria,
E o povo titan jungia
O mesmo chefe gigante.

E os dous monumentos typicos
D'ahi surgiram um dia :
A columna — ingente e fria,
O arco — poêma ousado !
Ambos, ó povo, são symbolos
De teu poder infinito :
Um talhado de granito,
Outro de bronze amassado !...

São dous phantasmas terrificos
Dos passados esplendores ;
D'outra idade vingadores
Se os vê, a Europa estremece !
Por elles velando tumido
Nosso amôr, sempre sombrio,
Nas almas accende o brio
Quando o vigor lhe fallece !

Se nos ultrajam estólios
Eil-os ahi, testemunhos,
Do valor de nossos punhos,
Nos acenando á vingança ;
No metal, no altivo marmore,
Tentamos dos veteranos
Vêr os sabios, livres planos,
A nobre perseverança.

Na hora da queda horrida
Mais vivo o orgulho scintilla ;
Augmenta a palma que oscilla
O refulgir dos trephéos ;
As almas no fogo vivido
Accendem a sacra chamma,
E o povo em luto rebrama
No estrugir dos escarcéos !

Outr'ora a phalange célere
Passava em pleno lampejo ;
Como um cávo, longo harpejo
Rolava o trovão nos montes !
D'esses peitos magnanimos
Que resta? O trabalho ingente
Que á mocidade indolente
Mostra os negros horizontes !

As raças de hoje, mais pallidas
Que os finados de outras éras,
D'essas virtudes austéras
Nem mesmo a imagem possuem !...
E se elles tremem nos tumulos,
É teu alvião que sòa,
Tua bomba que rebôa
Contra os portentos que alúem !...

*
* *

Horriveis dias são proximos,
Que signaes aterradores !
Clamam — basta ! — os pensadôres
Como Lear á procella !
Não pôde morrer um século
Sem que um outro além desponte ;
Do porvir — no germe'insonte —
Quem ousa manchar a téla ?

Oh vertigem ! Paris fulgida
Nem sabe quem mais a esmaga !
Se um poder que tudo estraga,
Se outro que tudo fulmina !...
Assim lá no Sahara torrido
Luctam contrarias tormentas,
Vibrando ás ondas poentas
Do raio a chamma divina !

Erram, ó povo, esses barathros !
O firmamento que freme,
O riço solo que treme,
Conjunctamente censuro !
Esses poderes coléricos
Cuja sanha cresce ignára,
Um tem a lei que o ampára,
Outro o direito e o futuro !. .

Tem Versalhes — a parochia,
Paris ostenta,— a communa ;
Mas, além d'essa columna
Desata a França seu manto !
Quando devem verter lagrimas
É justo que se devorem,
Sem que a desdita deplorem,
Sem que vertam negro pranto ?!...

Fatricidas ! Gemem férvidos
Canhões, morteiros, metralha ;
Além o vandalo espalha
Do inferno as fúrias reveis !
Aqui, campêa Carybde,
Lá, Scilla avulta arrojado ! . .
De teu fulgôr offuscado,
O' povo, vão-se os laureis !...

Ai ! n'estes tempos infaustos
Em que inglorios vivemos,
Dous fortes dominios vêmos
Estranhamente rivaes !
Um toma o arco marmoreo,
Outro a pilastra imponente ;
E o malho, e o obuz fremente
Tornam-se forças fataes !

Mas, vêde : é a França exanime
Que esses colossos sustentam !
Nosso valôr representam
Embóra ahi Bonaparte !
Sim, Francezes, se freneticos
Derribamos essa herança,
Que restará da provança?
Onde as honras do estandarte ? !...

Se o senhor condemna indomito,
Mais forte o povo apparece ;
Nobre a Sparta resplandece
Atravez do despotismo !
Abatei de um golpe a arvore,
Mas respeitae a floresta :
Quando chóra a patria mésta
Mais bello fulge o heroismo !

E tantas almas intrepidas
Nas espiraes balouçadas,
Enchem náos almirantadas,
Fossos, paúes, e campinas;
Franqueam muralhas sólidas,
Longas pontes, torres altas,
Saudando o porvir que assaltas
Com mil armas peregrinas.

Em vez de Cesar grandiloco
Collocae, justiça, Roma;
Vêr-se-ha que vulto assoma
N'esse cimo sobranceiro!
Condensae n'esta pyramide
A turba infrene, compacta;
Que o direito a estatua abata
Do assombro do mundo inteiro!

E que este gigante estrenuo
O — Povo — aclarando a estrada,
Tenha na mão uma espada,
De auroras cingido o busto;
Respeito ao soldado arbitro!...
À seus pés o odio expira!
Do vingador da mentira
Nada iguala o talhe augusto!

Surge — Oitenta e Nove — athletico
Ganhando vinte batalhas!
Marselheza, és tu que espalhas
Mêdo e assombro á velha idade!...
Se o granito aqui ostenta-se,
O bronze avulta em rugidos,
E dos trophéos reunidos
Salta um grito : — liberdade!...

*
* *

Que ! com nossas mãos alígeras
Da patria o seio rasgamos,
E o duplo altar laceramos
Pelos Theotões invejado ! ?
Pois que ! nos padrões egregios
A multidão delirante
Céva a clava flammejante,
Agita o facho abrazado ! ?

È aos nossos golpes válidos
Que a franca gloria vascilla ;
Seus louros virgens mutilla
Nossa maça ensanguentada !
E sempre a sphynge da Prussia !
Que horrôr ! A quem foi vendida,
Ai ! pobre patria perdida,
Tua invencivel espada ?...

Sim! foi por ella que inanime
De Ham o nome cahíra ;
Ante a Reischoffen expira
De Wagran o grito ovante !
Riscado Marengo inclyto
Waterloo apenas resta...
E sob a folha funesta
Rasga-se a lenda brilhante !...

Uma bandeira theotonica
Enlucta nosso horizonte ;
Sédan ennegrece a fronte
Que a Austerlitz deu renome !
Vergonha! A rajada frémita
É Mac-Mahon que vibra ;
Forbach a Iena equilibra,
E o fogo as glorias consome !

Onde os Bicêtres, ó Gallia ?
Os Charentons denodados?
Dormem os grandes soldados
Em teu leito de Procustos.
De Coburgo, de Brunopolis,
Onde estão os vencedôres
Com seus sabres vingadôres,
Correndo areáes adustos ? !...

Rasgar da historia uma pagina
Não é um crime inaudito ?
Não será negro delicto
Manchar vultos que tombaram ?
Suffocar a vóz dos martyres
Que nunca clamaram — basta —
E sempre de frõnte casta
Papás e reis captivaram ?

★ ★

Ai! apóz tantas miserias
Mais este golpe cruento!
Este delirio sedento
Que na paz mesmo abre chagas!
E tantos combates tragicos!...
Com Strasburgo queimada,
Com Paris atraçoada,
Que valem hoje estas plagas?!...

Se da Prussia o orgulho frivolo
Vendo seu negro estandarte
Vencedor por toda a parte,
Com Pariz a suas plantas,
Nos clamasse: « Quero rapida
« A vossa gloria obumbrada :
Abaixo a pilastra ousada
Com que aos orbes espantas !

Abaixo esse arco insigne
— Emblema do imperio falso ! —
Quero aqui — um cadafalso,
Alli — obuzeug em linha ;
Contra um — fogo mortifero,
Canhão, bombardã, escopeta ;
Contra outro — a picareta !
Cumprir : a ordem é minha. »

Que vulto erguera-se esqualido
Bradando ás turbas « sofframos » ? !
Oh ! nunca, á morte corramos !
Luctemos, que o insulto é novo !
Qu'importa mais crúas magoas ?
Qu'importa um revez de mais ?
Curvar-nos ? Jamais ! Jamais !
— E vós o fizeste, ó povo !...

FIM

NOTAS

O ITATYAIA

Patrio ponto culminante.

O Itatyaia, ramo da serra da Mantiqueira, é realmente o ponto culminante do Brazil. Segundo o Dr. Franklin Massena mede 2,994 metros de altitude da raiz até a base das Agulhas Negras, maravilhoso feixe de pilastras de granito que corôa um de seus mais arrojados pincaros.

VINTE E CINCO DE MARÇO

As duas primeiras strophes d'esta poesia alludem ao projecto de constituição elaborado pelos membros da constituinte em 1823, no qual todos os grandes principios da liberdade, eram solemnemente reconhecidos.

A REZENDE

... « *Com nobre empenho*
Penetrei no sagrado sanctuario ».

Refiro-me n'estes versos, á officina do nosso eximio pintor, o Dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello. Alli passei agradavelmente algumas horas admirando os mais bellos trabalhos do philosopho-artista.

RECORDAÇÃO

Á Adelaide Luz, á companheira dos folguedos infantis, á moça intelligente e estudiosa em cuja fronte fulgura a triplice corôa da belleza, do espirito e da bondade, devia eu a minha primeira producção poetica. Alterar agora a linguagem intima e singela d'esses versos, seria uma profanação.

FIM DAS NOTAS.

INDICE

SEGUNDA PARTE

	PAG.
Invocação.....	67
No Ermo.....	69
O Itatyaia.....	75
Vinte e cinco de Março.....	81
Manhã de Maio.....	85
Á Rezende.....	89
Miragem.....	93
Lembras-te.....	99
Á Lua.....	101
Sete de Setembro.....	103
Á noite.....	107
Vem!.....	111
Pesadêlo.....	113

TERCEIRA PARTE

Castro Alves.....	125
Á Carlos Gomes.....	129
Visão.....	131
A festa de S. João.....	135
Recordação.....	145
O Sacerdote.....	147
Amôr de violeta.....	151
O Africano e o Poéta.....	153

INDICE

	PAG.
Introdução	III
Nebulosas	31

PRIMEIRA PARTE

Voto	33
Saudades	35
Linda	37
Afflicta	41
Aspiração	43
Confidencia	45
Desengano	47
Desalento	49
Agonia	51
Consolação	53
Amargura	55
Fragmentos	59
Scisma	61
Resignação	63